



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Fátima Almeida da Silva

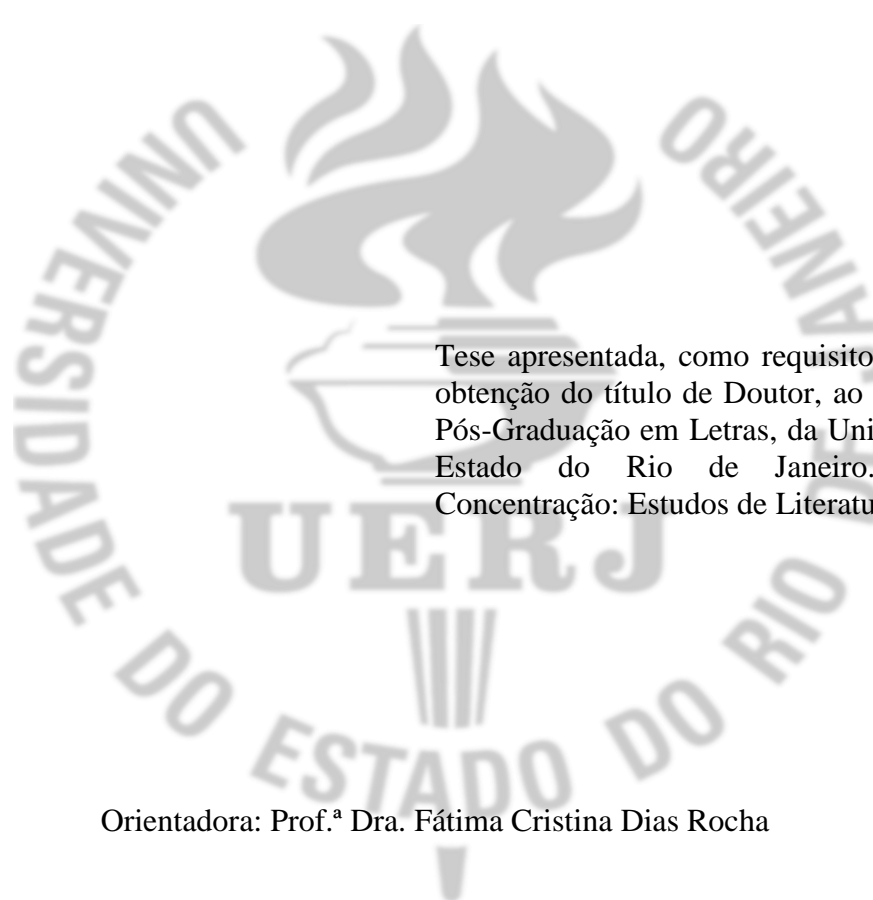
Literatura do cárcere e literatura no cárcere: *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, e *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes

Rio de Janeiro

2023

Fátima Almeida da Silva

Literatura do cárcere e literatura no cárcere: *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, e *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Estudos de Literatura.

Orientadora: Prof.^a Dra. Fátima Cristina Dias Rocha

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S586 Silva, Fátima Almeida da.
Literatura do cárcere e literatura no cárcere: Memórias do cárcere, de Graciliano Ramos, e Memórias de um sobrevivente, de Luiz Alberto Mendes / Fátima Almeida da Silva. – 2023.
165 f.

Orientadora: Fátima Cristina Dias Rocha.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Ramos, Graciliano, 1892-1953 - Crítica e interpretação – Teses. 2. Ramos, Graciliano, 1892-1953. Memórias do cárcere – Teses. 3. Mendes, Luiz Alberto, 1952- - Crítica e interpretação – Teses. 4. Mendes, Luiz Alberto, 1952-. Memórias de um sobrevivente – Teses. 5. Memória na literatura – Teses. 6. Prisão na literatura – Teses. 7. Violência na literatura – Teses. I. Rocha, Fátima Cristina Dias. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-95

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Fátima Almeida da Silva

Literatura do cárcere e literatura no cárcere: *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, e *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 30 de janeiro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Fátima Cristina Dias Rocha (Orientadora)

Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Leonardo Davino de Oliveira

Instituto de Letras - UERJ

Prof.^a Dra. Giovanna Ferreira Dealtry

Instituto de Letras - UERJ

Prof.^a Dra. Beatriz dos Santos Damasceno

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Marcelo dos Santos

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

A Deus, que me iluminou para que eu conseguisse realizar este trabalho.

Ao meu pai Josias (*in memoriam*).

À minha mãe Neuza, pessoa com quem amo partilhar a vida.

Aos alunos do Colégio Estadual Professor Carlos da Costa.

Às alunas do Colégio Estadual Primeiro Tenente PM Hailton dos Santos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à querida professora Fátima Cristina Dias Rocha, pela orientação. Agradeço pelo diálogo e pelas correções precisas e atentas, pelo carinho, pela confiança e, principalmente, pelo auxílio indispensável oferecido durante a confecção deste trabalho. Agradeço por não ter desistido de mim. Muito obrigada por tudo!

Agradeço à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por minha formação. Agradeço também ao Programa de Pós-graduação por possibilitar estudos mais avançados em um tema que desperta em mim desejos mais profundos. Agradeço, em especial, às funcionárias Ana Célia e Cláudia, da Secretaria de Pós-graduação, que sempre me auxiliaram, respondendo atentamente aos meus e-mails desesperados.

Aos membros da banca examinadora, Prof. Dr. Leonardo Davino de Oliveira, Prof.^a Dra. Beatriz dos Santos Damasceno, Prof.^a Dra. Giovanna Ferreira Dealtry e Prof. Dr. Marcelo dos Santos, que aceitaram gentilmente fazer parte de meu trajeto acadêmico. Também aos membros do Exame de Qualificação, Prof.^a Dra. Beatriz dos Santos Damasceno e Prof. Dr. Leonardo Davino, pelos conhecimentos compartilhados.

Agradeço aos profissionais Lídio e Jorge, que me auxiliaram com as traduções para esta tese.

Agradeço ainda a meu querido pai Josias e à minha querida mãe Neuza, pelo amor e dedicação que tive e tenho.

Tinham as mãos amarradas, ou algemadas, e ainda assim os dedos dançavam, voavam, desenhavam palavras. Os presos estavam encapuzados; mas inclinando-se conseguiam ver alguma coisa, alguma coisinha, por baixo. E embora fosse proibido falar, eles conversavam com as mãos. Plinio Ungerfeld me ensinou o alfabeto dos dedos, que aprendeu na prisão sem professor:

– Alguns tinham caligrafia ruim – me disse –. Outros tinham letra de artista.

A ditadura uruguaia queria que cada um fosse apenas um, que cada um fosse ninguém: nas cadeias e quartéis, e no país inteiro, a comunicação era delito.

Alguns presos passaram mais de dez anos enterrados em calabouços solitários do tamanho de um ataúde, sem escutar outras vozes além do ruído das grades ou dos passos das botas pelos corredores. Fernández Huidobro e Mauricio Rosencof, condenados a essa solidão, salvaram-se porque conseguiram conversar, com batidinhas na parede. Assim contavam sonhos e lembranças, amores e desamores; discutiam, se abraçavam, brigavam; compartilhavam certezas e belezas e também dúvidas e culpas e perguntas que não têm resposta.

Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos, temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada.

Eduardo Galeano.

RESUMO

SILVA, Fátima Almeida da. *Literatura do cárcere e literatura no cárcere: Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, e *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes. 2023. 165 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Com esta tese, temos como objetivo fundamental a análise de duas memórias prisionais, a saber: *Memórias do cárcere* (1953), de Graciliano Ramos, e *Memórias de um sobrevivente* (2001), de Luiz Alberto Mendes. Cada um desses livros de memórias apresenta sua singularidade, uma vez que o primeiro nos conta a trajetória de um escritor que passa pela condição de prisioneiro, durante a ditadura de Getúlio Vargas, e o segundo narra a história de vida de um homem “comum” que se torna escritor na prisão, no período da ditadura militar. Como fundamentação teórica, temos como referência os estudos críticos acerca de ambas as obras. Nas *Memórias do cárcere*, estudaremos o modo como o narrador se relaciona com o outro no cárcere e os recursos estilísticos usados na narrativa memorialista. Nas *Memórias de um sobrevivente*, investigaremos o modo como o narrador re(cria) sua infância na criminalidade, até alcançar a maioridade, e o surgimento de um criminoso que se apaixona pela cultura e pela literatura a partir do contato com os livros em um dos períodos mais difíceis que vivencia na prisão.

Palavras-chave: Prisão. Memórias. Ditadura. Violência. Aprendizagem.

ABSTRACT

SILVA, Fátima Almeida da. *Prison literature and literature in prison: Memórias do cárcere*, by Graciliano Ramos and *Memórias de um sobrevivente*, by Luiz Alberto Mendes. 2023. 165 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2023.

The fundamental aim of this dissertation is the analysis of two imprisonment memoirs, namely: *Memoirs of Prison* (1953), by Graciliano Ramos, and *Memoirs of a survivor* (2001), by Luiz Alberto Mendes. Each one of these memoirs has its own uniqueness, since the first tells us the story of a writer who was imprisoned during President Getulio Vargas' dictatorship, and the second one tells us the life story of an "ordinary" man who becomes a writer in prison during the military dictatorship. As a theoretical foundation, we have the critical studies on both works as reference. In *Memoirs of prison*, we will study how the narrator relates to the other in prison and the stylistic resources used in his memoirist narrative. In *Memoirs of a Survivor*, we will look into how the narrator re(creates) his childhood in crime, until he reaches adult age, as well as the emergence of a criminal who falls in love with culture and literature from his contact with books in one of the most difficult periods he experiences in prison.

Keywords: Prison. Memoirs. Dictatorship. Violence. Learning.

RESUMEN

SILVA, Fátima Almeida da. *Literatura de la cárcel y literatura en la cárcel: Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, y *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes. 2023. 165 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

El objetivo fundamental de esta tesis es analizar dos memorias carcelarias: *Memórias do cárcere* (1953), de Graciliano Ramos, y *Memórias de um sobrevivente* (2001), de Luiz Alberto Mendes. Cada uno de estos libros de memorias presenta su singularidad, ya que el primero nos cuenta la trayectoria de un escritor que atraviesa la condición de prisionero, durante la dictadura de Getúlio Vargas, y el segundo narra la historia de vida de un hombre "común" que se convierte en escritor en la prisión, durante la dictadura militar. Como fundamentación teórica, tenemos como referencia los estudios críticos sobre ambas obras. En *Memórias do cárcere*, estudiaremos la forma en que el narrador se relaciona con el otro en la cárcel y los recursos estilísticos utilizados en su narración memorialista. En *Memórias de um sobrevivente*, investigaremos la forma en que el narrador (re)crea su infancia en la criminalidad, hasta alcanzar la mayoría de edad, y el surgimiento de un criminal que se apasiona por la cultura y la literatura a partir del contacto con los libros, en uno de los períodos más difíciles que vive en la prisión.

Palabras clave: Prisión. Memorias. Dictadura. Violencia. Aprendizaje.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
1 O TRABALHO COM A MEMÓRIA: O EU COMO PERSPECTIVA DE SI MESMO	21
2 LEITURAS CRÍTICAS SOBRE <i>MEMÓRIAS DO CÁRCERE</i> E SOBRE <i>MEMÓRIAS DE UM SOBREVIVENTE</i>	29
2.1 Perspectivas sobre as <i>Memórias do cárcere</i>	29
2.2 Reflexões sobre as <i>Memórias de um sobrevivente</i>	40
3. AS <i>MEMÓRIAS DO CÁRCERE</i> E “O CÁRCERE DAS ALMAS”.....	47
3.1 Graciliano e a aprendizagem com o outro no cárcere.....	47
3.2 Graciliano e os modos de narrar as <i>Memórias do cárcere</i>	68
4. LUIZ ALBERTO MENDES: O ENCANTO PELAS LUZES E PELOS LIVROS.....	91
4.1 Como o narrador re(constrói) sua vivência na criminalidade.....	91
4.2 Como o narrador (re)elabora sua transformação em um “ser social e sociável”....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
REFERÊNCIAS.....	137
ANEXO A – Entrevista de Luiz Alberto Mendes concedida à revista <i>Cult</i>	141
ANEXO B – Entrevista de Luiz Alberto Mendes concedida à revista <i>Getúlio</i>	144
ANEXO C – Entrevista de Luiz Alberto Mendes concedida à revista <i>Revestres</i>	152
ANEXO D – Conto “Cela forte”, de Luiz Alberto Mendes.....	159

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta tese se dedica ao estudo de duas obras: *Memórias do Cárcere* (2020 [1953]), de Graciliano Ramos, e *Memórias de um sobrevivente* (2001), de Luiz Alberto Mendes. A primeira obra reúne as memórias do escritor Graciliano Ramos sobre o período em que ele esteve preso, durante a ditadura varguista; a segunda nos traz o relato de um homem comum que, desde sua infância, já praticava pequenos delitos, até, na condição de maior de idade, ser preso por latrocínio e por homicídio.

Na literatura brasileira, identifica-se, com nitidez, um grande número de obras memorialísticas que não estão condicionadas ao *leitmotiv* prisional. Trata-se de relatos memorialísticos e/ou autobiográficos que compõem uma galeria de textos pessoais, alguns escritos no século XIX ou na passagem para século XX, como *Minha formação* (1900), de Joaquim Nabuco. Antes dele, outro escritor renomado, José de Alencar, já havia escrito *Como e porque sou romancista*, a história de sua formação como escritor, publicada em 1893. No século XX, têm lugar muitas outras manifestações da escrita memorialística no Brasil, e seria exaustivo enumerá-las aqui.

Na década de 1940 e, principalmente, a partir da década de 1950, os escritores que haviam participado do movimento modernista começaram a escrever suas memórias, em que faziam uma espécie de “balanço” do caminho percorrido: em 1954, Manuel Bandeira publicou *Itinerário de Pasárgada*; ainda em 1954, Oswald de Andrade publicou *Um homem sem profissão – Sob as ordens de mamãe*; em 1956, José Lins do Rego publicou *Meus verdes anos*; em 1959, Augusto Frederico Schmidt lançou *As florestas*; em 1968, Murilo Mendes publicou *A idade do serrote*. A partir da década de 1970, Pedro Nava começou a publicar suas memórias: em 1972, *Baú de Ossos*; *Balão Cativo*, em 1973; *Chão de Ferro*, em 1976; *Beira-mar*, em 1978; *Galo das Trevas*, em 1981; *O círio perfeito*, em 1983; e *Cera das almas*, publicado, postumamente, em 2006. Em 1973, Érico Veríssimo dera a público o primeiro volume de suas memórias, intitulado *Solo de Clarineta I*, e, em 1976, o autor publicou *Solo de Clarineta II*. Os exemplos se sucederiam, estendendo-se até a atualidade, em que destacamos, entre outras obras, *Coração andarilho* (2009), de Nélide Piñon, *Pai, pai* (2017), de João Silvério Trevisan, e *Menino sem passado* (2021), de Silviano Santiago.

Assim, se existe uma tradição de escritas de memórias no Brasil, pretendemos assinalar, com esta pesquisa, a formação de uma outra tradição, que seria a de um viés específico da escrita memorialística: a escrita de memórias prisionais, elaborada por autores

que, em algum momento de sua vida, viveram a experiência do cárcere, tendo julgado relevante (re)elaborar essa experiência.

Dentre essas memórias prisionais, algumas foram incluídas pela *Revista Cult* (nº 59, 2002) no quadro que essa revista chamou de “O rol dos excluídos”, que reunia as seguintes produções de “presos comuns”: *Quatrocentos contra um: uma história do Comando Vermelho*, de William da Silva Lima (1991); *Letras da liberdade* (vários autores do Carandiru, com organização de Wagner Veneziani Costa) (2000); *Diário de um detento: o livro*, de Jocenir (2001); *Pavilhão 9: paixão e morte no Carandiru*, de Hosmany Ramos (2001); *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes (2001); *Enjaulado: o amargo relato de um condenado pelo sistema penal*, de Pedro Paulo Negrini (2002); *Sobrevivente André du Rap* (Do massacre do Carandiru), de André du Rap e Bruno Zeni (2002); e *Vidas no Carandiru (Histórias reais)*, de Humberto Rodrigues (2002).

As memórias prisionais incluem, ainda, as narrativas memorialísticas oriundas de experiências vividas em tempos ditatoriais no Brasil, as quais não foram produzidas por homens comuns, mas por escritores e jornalistas, encarcerados por questões políticas. Citemos alguns exemplos¹: as já mencionadas *Memórias do Cárcere* (1953), de Graciliano Ramos; os contos “Delírio número 1”, “Delírio número 2” e “Companheiras”, do livro *Aruanda* (1957), de Eneida de Moraes; *O que é isso, companheiro?* (1979), de Fernando Gabeira; *Os carbonários*, de Alfredo Sirkis (1980); *Batismo de sangue*, de Frei Betto (1982); *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva (1982), em alguma medida; *Araguaia: relato de um guerrilheiro*, de Glênio de Sá (1990); a obra coletiva *Tiradentes, um presídio da ditadura: memórias de presos políticos* (1997); *Verdade Tropical*, de Caetano Veloso (1997); *Memórias do Esquecimento*, de Flávio Tavares (1999); *Ousar lutar: memórias da guerrilha que vivi*, depoimento de José Roberto Resende a Mouzar Benedito (2000); *Herança de um sonho: as memórias de um comunista*, de Marco Antônio Tavares Coelho (2000); *Geração de 60: geração esperança*, de Maria Lúcia Resende Garcia (2003); *O baú do guerrilheiro: memórias da luta armada urbana no Brasil*, de Ottoni Fernandes Júnior (2004); *Memórias*, de Gregório Bezerra (2011), *Pagu: autobiografia precoce*, de Patrícia Galvão (2020).

Diante de um panorama tão amplo, o motivo para a escolha das obras selecionadas nesta pesquisa foi singular. Sempre fui instigada pelos escritos de Graciliano Ramos, tanto que, durante a minha formação no ensino superior, escrevi, com o professor Ronaldo Lima

¹ Não podemos nos esquecer de Orestes Barbosa, que, no livro *Na prisão* (1922), reúne crônicas que mostram o universo da prisão no período do início da República. O escritor e jornalista político Orestes Barbosa, nesse livro, compõe “tipos” de presos, como, por exemplo, “O piolho de cobra” e “Os estranguladores da ‘Velha da mala de ouro’”, além de narrar situações vividas na prisão, como acontece na crônica “Natal na cadeia”.

Lins, da Faculdade de Letras da UFRJ, o projeto intitulado “As *Memórias do cárcere* e a região escura das memórias”, no qual eu aproximava as *Memórias do cárcere* do romance *A peste*, de Albert Camus. Não tive, porém, a oportunidade de desenvolver tal projeto. Além do interesse pelo escritor Graciliano Ramos, sempre me chamaram a atenção temas como a loucura e a prisão na literatura, dado que tanto a loucura quanto a prisão são momentos extremos na vida de um ser humano. Inicialmente, pensei em incluir nesta pesquisa o *Diário do Hospício*, de Lima Barreto, pois o hospício em que o escritor ficou internado constituiu para ele uma forma de prisão. Mas, como tal inclusão tornaria mais extenso o meu *corpus*, mantive na pesquisa, entre as memórias prisionais de escritores, apenas as obras de Graciliano Ramos e de Luiz Alberto Mendes.

Quanto às *Memórias de um sobrevivente*, o que me motivou a trabalhar com esse livro foi, parafraseando as palavras de Sylvia Molloy², uma “curiosidade crítica” por relatos escritos por quem de fato cometeu crimes e cumpre pena por aquele crime pelo qual foi condenado. Sempre tive a curiosidade de conhecer como é a vida de um prisioneiro, e o livro de Luiz Alberto Mendes, de certa forma, passa uma imagem dessa vivência a partir do momento em que revela, entre outros fatores, a ambição do indivíduo como um móvel que o leva a optar pelo mundo do crime. Luiz Alberto Mendes poderia ser um trabalhador comum, mas ele não se contentou com essa condição, e, para ter dinheiro, mulheres e drogas, seu caminho foi o dos constantes assaltos, “às cegas”, para citar o nome do segundo livro de Mendes (*Às cegas*, 2005).

Nas pesquisas que fiz para esta tese, constatei que há muitos trabalhos de fôlego sobre memórias prisionais, mas ainda não encontrei um trabalho acadêmico que trouxesse, em seu âmago, dois autores que tiveram duas experiências distintas com a prisão, por se inserirem em contextos socioculturais e políticos diferentes. Citemos alguns desses trabalhos, em geral, acadêmicos. Começamos pelas pesquisas sobre *Memórias do cárcere*: “Vivência, reflexão e combate: sobre *Memórias do cárcere*” (Tese de Doutorado/2013), de Fabio Cesar Alves; “*Memórias do cárcere*: acordos e desacordos entre o intelectual e o político” (Tese de Doutorado/2013), de Márcio Fonseca Pereira; “A testemunha às avessas ou o narrador desconfiado: história e ficção em *Memórias do cárcere*” (Tese de Doutorado/2013), de Fábio José dos Santos; “Memória, testemunho e escrita melancólica em *Memórias do cárcere* e *Infância*, de Graciliano Ramos” (Tese de Doutorado/2014), de Ana Maria Abrahão dos Santos Oliveira; “Incomensurável comum: Políticas da escrita em Graciliano Ramos” (Tese de

²“(…) Se escolho escrever sobre autobiografia e, mais precisamente, sobre autobiografias hispano-americanas, a escolha se dá simplesmente, por curiosidade crítica. (...)” (MOLLOY, 2003, p.14).

Doutorado/2014), de Willy Carvalho Coelho; “História, memória e tradição em *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos” (Dissertação de Mestrado/2012), de Erielton Alves de Andrade; “As memórias híbridas do escritor: uma análise de *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos” (Dissertação de Mestrado/2013) de Tatiana Gomes Correia; “O gesto autoral e o testemunho em *Memórias do cárcere*” (Dissertação de Mestrado/2015), de Valéria Gomes Ignácio da Silva; “Nos rastros do sujeito: espacialidades, subjetivação e dessubjetivação em *Memórias do cárcere*” (Dissertação de Mestrado/2017), de Lilliân Alves Borges, dentre outros trabalhos.

Neste momento, faremos referência a alguns trabalhos acadêmicos sobre *Memórias de um sobrevivente*: “Cada história, uma sentença: narrativas contemporâneas do cárcere brasileiro” (Tese de Doutorado/2009), de Maria Rita Sigaud Soares Palmeira; “Por escrito: o Carandiru para além do *Carandiru*” (Tese de Doutorado/2018), de Adriana Rezende Faria Taets; “Do factual ao ficcional: memória, história, ficção e autobiografia nas *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes” (Dissertação de Mestrado/2007), de Aduino Locatelli Taufer; “As letras além das grades: representações sobre leitura em *Memórias de um sobrevivente*” (Dissertação de Mestrado/2010), de Karina Lima Sales; “*Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes: o ‘eu prisioneiro’ e o ‘prisioneiro do eu’” (Dissertação de Mestrado/2011), de Priscila Ferrari; “Memória, testemunho e escrita de presidiário: Luiz Alberto Mendes e a voz do subalterno” (Dissertação de Mestrado/2014), de Abdias Correia de Cantalice Neto; “Testemunho e violência na literatura de cárcere brasileira: *Diário de um detento* e *Memórias de um sobrevivente*” (Dissertação de Mestrado/ 2014), de Débora Ávila Arnold; “Uma voz atrás das grades: testemunho, cárcere e contexto em *Memórias de um sobrevivente* e *Às cegas*, de Luiz Alberto Mendes” (Dissertação de Mestrado/2019), de Patrini Viero Ferreira, dentre outros trabalhos.

Outro motivo que me levou a trabalhar com dois memorialistas tão díspares foi o fato de que, nesses dois livros do *corpus*, quem fala é o prisioneiro. Digo isso porque, no caso de *Sobrevivente André du Rap*, o livro é assinado por André du Rap, com coordenação editorial do jornalista Bruno Zeni. Essa mediação na publicação do livro também acontece com Luiz Alberto Mendes, que escreveu e assinou seu livro, mas também necessitou de auxílio, não na escrita, e, sim, para a publicação do volume. Tal mediação foi realizada pelo escritor Fernando Bonassi, e o livro *Memórias de um sobrevivente* foi publicado pela editora Companhia das Letras.

Uma hipótese mais geral desta tese é a de que ambas as obras aqui estudadas representam gestos de resistência evidenciados na escrita, no relato, no documento dos textos.

Deste modo, as *Memórias do cárcere* se mostram como um gesto de resistência contra a ditadura de Getúlio Vargas, e as *Memórias de um sobrevivente* simbolizam um gesto de resistência às limitações impostas pela pobreza econômica e cultural, assim como à violência do sistema carcerário brasileiro. Junto a Cecília Maria Bouças Coimbra (2007), podemos dizer que resistir não é permanecer nas possibilidades dadas, não é render-se a um estado de coisas já estabelecido. É criar possibilidades inéditas, ações fora das medidas; é inventar valores novos, diferentes dos já constituídos; é ir além desses valores dados. Não a aposta em um outro mundo futuro, em uma possível transcendência, mas sua afirmação no aqui e agora, na criação/experimentação de caminhos que se fazem no próprio caminhar.

Uma hipótese mais específica que as duas obras suscitam é a de que os seus protagonistas enfatizam, nas experiências que (re)constituem e/ou no seu próprio relato, um forte componente de ambiguidade. O narrador-personagem das *Memórias do cárcere*, por exemplo, exhibe repetidamente o quanto a sua relação com os demais prisioneiros é marcada pela ambiguidade, num misto de atração e de repulsa. Já o narrador-personagem das *Memórias de um sobrevivente*, ao refletir sobre a própria condição, figura-se numa posição ambígua: por um lado, apresenta-se como uma vítima da sociedade e, por extensão, como um filho que sente falta da presença materna; por outro, constrói-se como um criminoso que apenas deseja aproveitar a vida, ainda que essa atitude signifique cometer assaltos, um latrocínio e um homicídio.

Embora tão singulares e distintas entre si, as duas obras também se aproximam no tocante à dor e à humilhação pelas quais passaram os seus protagonistas, cujos relatos acentuam o processo de desumanização a que foram submetidos – processo que se impõe, quase que institucionalmente, a todos aqueles que passam pela situação de confinamento. Por outro lado, as duas obras representam e evidenciam um processo de humanização, que ocorre de forma diferenciada em cada uma delas. Nas *Memórias do cárcere*, o personagem se humaniza a partir do momento em que busca compreender o outro e suas diferenças, assim como a escrita das *Memórias* se faz com uma série de recursos que visam a humanizar os desumanizados pela prisão que percorrem as suas páginas. Nas *Memórias de um sobrevivente*, além do fato de que a própria escrita representa, para o prisioneiro, uma das possibilidades de humanização, há muitas passagens em que o personagem se humaniza, no sentido mais usual do termo, como no trecho em que o rapaz recebe o pai, estando armado para matá-lo, mas termina chorando em seus braços. Ainda nas *Memórias de um sobrevivente*, um importante fator de humanização e de socialização do protagonista é a leitura, à qual o narrador-protagonista só teve acesso na prisão.

O objetivo mais geral desta tese é a investigação do modo como cada autor representa sua experiência carcerária e como cada memorialista elabora imagens de si e do outro. Em cada obra, esse *outro* tem várias faces: no caso das *Memórias do cárcere*, chama a atenção, além de outros embates, a constante reflexão do narrador-personagem sobre os demais prisioneiros com os quais ele convive; nas *Memórias de um sobrevivente*, a figura do *outro*, também multifacetada, pode ser o próprio pai do personagem, bem como os outros presos, que eram mais velhos e mais experientes do que ele.

No que se refere às *Memórias do cárcere*, apresentamos como objetivos secundários: o estudo da constante reflexão e hesitação do memorialista acerca de seu próprio dizer; a relação com o outro, ou seja, com a diferença (os prisioneiros e os militares) – um dos temas mais constantes das reflexões do memorialista; o estudo da expressividade das imagens das quais o narrador lança mão para representar o que observa, o que sente e o que “sofre” no cárcere. É nossa intenção estudar, ainda, as imagens que o memorialista elabora de si mesmo, as quais são marcadas por uma intensa autocrítica, a mesma que se mostra nas autofigurações do escritor Graciliano em suas entrevistas e depoimentos. A este respeito, Jorge de Souza Araújo, em *Graciliano e o desgosto de ser criatura* (2014), chama a atenção para “a natureza autodepreciativa que resulta da identidade desintegrada e do filtro da memória de um mundo em ruínas que não admite, em nenhuma hipótese, a autocomiseração nem a autoindulgência” (ARAÚJO, 2014, p. 25). E Araújo reitera: “Pode-se dizer que Graciliano reelabora uma inocência perdida no rigor do trágico, sem afagos, sem dispêndios sensoriais ou intelectivos. O mundo objetivo é despojado de suas galas, incorporando-se experiências desencantadas, descoloridas, anódinas” (ARAÚJO, 2014, p. 27).

Cabe, neste momento, um comentário acerca da autocomiseração e da autoindulgência, referidas como ausentes nas *Memórias do cárcere*, nas palavras de Araújo. Se o narrador das *Memórias do cárcere*, de fato, não exhibe aquelas atitudes, ele, geralmente, expõe uma atitude autodepreciativa e autocrítica. Em vários momentos da narrativa podemos observar tal atitude, como na passagem em que ele se compara a um “revolucionário chinfrim”, uma vez que suas armas de resistência eram fracas e de papel; isto é, sua arma não era uma ferramenta letal, mas uma arma feita de livros, de literatura. Em outra parte das *Memórias do cárcere*, o narrador afirma que não deseja ultrapassar seu tamanho ordinário; isto é, há um posicionamento de pequenez, de insignificância no modo como Graciliano, nas *Memórias do cárcere*, se autofigura. Vejamos outro fragmento em que o narrador compõe uma autofiguração desse mesmo teor:

Nenhuma saudade, nenhuma dessas meiguices românticas, enervadoras: sentia-me atordoado, como se me dessem um murro na cabeça. Julgava-me autor de várias culpas, mas não sabia determiná-las. Arrependia-me vagamente de asperezas e injustiças, ao mesmo tempo **supunha-me fraco, a escorregar em condescendências inúteis**, e queria endurecer o coração, eliminar o passado, fazer com ele o que faço quando emendo um período – riscar, engrossar os riscos e transformá-los em borrões, suprimir todas as letras, não deixar vestígio de ideias obliteradas. (RAMOS, 2020, p.31, grifos nossos).

Já o narrador de *Memórias de um sobrevivente*, durante todo o relato, apresenta um comportamento ambíguo, ora confessando seus delitos, ora colocando-se no papel de um filho que sente a falta da mãe; ora posicionando-se como algoz, ora como vítima da sociedade.

Outra divergência no comportamento dos dois narradores se dá em relação ao sentimento de solidão. Graciliano, em sua narrativa, reclama da ausência de solidão, pois almejava ficar sozinho para escrever, produzir: “Surpreendia-me: imaginara que me trancassem a chave numa sala, me deixassem só – e não me vira só um minuto. (...)” (RAMOS, 2020, p.37). Por outro lado, o narrador das *Memórias de um sobrevivente* queixa-se, com determinada frequência, da solidão, como podemos observar:

(...) Havia optado definitivamente. Conseguira me transformar em um bandido, colocava-me na postura de um assaltante perigoso e procurava divulgar essa imagem.

Vestia-me, caminhava e falava como um homem com poder de vida e morte. As armas eram quase extensão dos meus braços, até ao banheiro eu ia armado. Adorava armas, vivia desmontando-as, limpando, azeitando, treinando tiro ao alvo com elas e, infantilmente, girando-as nos dedos, tipo banguê-banguê. Não ligava mais para a vida de quem não estivesse ao meu lado, e já não estava apaixonado por ninguém.

No fundo, paradoxalmente, eu não era nada disso. **Continuava a ser o menino assustado consigo mesmo, medroso e só, de sempre. Carente, profundamente angustiado e agora tenso para conseguir manter a imagem que queria que cultivassem de mim.** (MENDES, 2001, p. 313-314, grifos nossos).

Ainda, em relação à solidão, Luiz Alberto Mendes, na entrevista concedida à revista *Getúlio*, em 2010 (na qual ele se apresenta como Luiz Alberto Mendes Jr.), também enfatiza esse sentimento, como podemos verificar em sua fala: “Um ambiente carregado emocionalmente, impregnado de solidão. Essa perdura até hoje. Desde pequeno vivo sozinho. Minha vida é solidão, hoje assumida e até querida. [Aponta para o cachorro Chicão]. Olha meu companheiro aí.” (MENDES, 2010, p. 54).

Consideramos imprescindível destacar o quanto é difícil, nas *Memórias do cárcere*, distinguir as reflexões do narrador (aquele que escreve, e que, ao escrever, “recorda” a sua experiência, refletindo sobre ela e sobre as suas repercussões no presente da escrita) daquelas que já teriam sido do “prisioneiro” (aquele que viveu, no passado, a experiência da prisão, e que, quando viveu, já teria refletido sobre aquela experiência). Há parágrafos em que é

impossível distinguir de quem é a voz que reflete, interroga, julga e hesita sobre o próprio julgamento: se de um ou de outro.

Sobre esse embaralhamento entre o narrador e o “personagem” nas *Memórias do cárcere*, Matildes Demétrio dos Santos escreveu:

(...) **Graciliano Ramos escreve distante do sofrimento de 1936, mas a ideia vivia dentro dele e surge no palco do livro através de um narrador desdobrado em personagem, ora se comportando como espectador, distanciando-se dos acontecimentos vividos, ora se apresentando como ator intimamente implicado no drama vivenciado**, pois o que se passa atrás das grades duma prisão enreda centenas de pessoas com funções específicas, de simples funcionários a militares graduados, todos comprometidos com atos de violência política de prender e torturar, iguados pela ausência de considerações morais sobre suas tarefas cotidianas. (SANTOS, 2015, p. 9-10, grifos nossos).

No que diz respeito às *Memórias de um sobrevivente*, apresentamos como objetivos secundários: o estudo das imagens de si elaboradas pelo narrador; a investigação dos modos pelos quais o relato denuncia a violência carcerária, identificada, entre outros exemplos, na forma como os presos mais antigos recebem um preso novo e na crueldade com que os policiais torturam um preso criminoso que é reincidente; a descrição do decisivo processo por meio do qual Mendes entra em contato com presos que leem e compartilham entre si o estudo de clássicos da literatura (brasileira e universal) e da filosofia. Lembramos que essas leituras e o encontro, na prisão, com Fernando Bonassi, são os fatores que dão ao prisioneiro a possibilidade de escrever sobre a sua trajetória e a experiência na prisão e de publicar o seu livro. Além desses objetivos, é de nosso interesse estudar a ambiguidade já assinalada anteriormente na autofiguração do narrador-personagem das *Memórias de um sobrevivente*, que ora se apresenta como vítima da sociedade, ora como responsável pela violência contra essa mesma sociedade.

Para embasar a leitura crítica das duas obras que constituem o nosso *corpus*, foram imprescindíveis as reflexões de Sylvia Molloy acerca do “trabalho com a memória” na escrita autobiográfica, assim como a sua proposição de que, nessa escrita, “o passado evocado molda-se por uma autoimagem sustentada no presente” (2003, p. 22). Tais considerações estão reunidas na obra *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América hispânica* (2003), que também nos deu subsídios para a investigação sobre as articulações entre memória e representação – tanto na cena individual, quanto na coletiva.

Nortearam ainda a nossa abordagem das duas obras do *corpus* as discussões sobre a escrita do testemunho empreendidas por Márcio Seligmann-Silva, nos ensaios “Novos escritos dos cárceres: uma análise de caso” (2006), e “Violência, encarceramento e (in)justiça: memórias de histórias reais das prisões paulistas” (2003); por Karl Erick Schollhammer, no

capítulo de seu livro intitulado “Memórias de delinquência e sobrevivência” (2006). Além das reflexões de diversos outros ensaístas sobre o relato memorialístico, prisional ou não; sobre a escrita de teor testemunhal; e sobre as articulações entre literatura e resistência.

Uma vez que as *Memórias do cárcere* foram objeto de relevantes análises críticas, como a de Antonio Candido, no texto “Ficção e confissão” (1992 [1956]), e a de Alfredo Bosi, no artigo “A escrita do testemunho em *Memórias do cárcere*” (1995), assim como de teses posteriormente publicadas em livro – de que é exemplo a obra *Corpos escritos* (1992), de Wander Melo Miranda –, optamos por examinar os tópicos mais importantes de tais análises sobre as *Memórias* de Graciliano, de modo a nos valermos dessas contribuições no contexto deste estudo sobre as memórias prisionais. E, ainda que o livro de Luiz Alberto Mendes não possua uma fortuna crítica tão vasta (apresentada mais em trabalhos acadêmicos) também optamos por retomar alguns dos principais estudos sobre tal obra, entre os quais destacamos os já mencionados ensaios de Márcio Seligmann-Silva, os trabalhos de Karl Erik Schollhamer (2006) e de Maria Rita Sigaud Soares Palmeira (2009), que nortearão a nossa leitura de *Memórias de um sobrevivente*.

É fundamental lembrar que, nesta tese, serão usados como fundamentação teórica dois *corpus*: um principal e outro secundário, que, por sua vez, aparece diluído nos subcapítulos de análise. Dessa forma, o *corpus* principal será composto por resenhas específicas de estudos crítico-literários acerca das duas obras estudadas. Essas resenhas constituirão nosso *corpus* crítico principal; porém, durante os subcapítulos de análise de nossa pesquisa, utilizaremos estudos de Beatriz Sarlo, de Sylvia Molloy e de Michel Foucault, além das reflexões de Robson Coelho Tinoco e de Guilherme da Silva Batista, assim como de Paulo Roberto Tonani do Patrocínio e de Ferréz; e, ainda, os estudos da linguista Eni Orlandi acerca da relação entre silêncio e censura. Além disso, em relação às *Memórias de um sobrevivente*, nossa tese contou com o auxílio das três principais entrevistas de Luiz Alberto Mendes Jr. disponíveis em *sites* da internet - entrevistas essas que foram concedidas pelo autor paulista à revista *Cult*, à revista *Getúlio* e à revista *Revestres*.

Cabe aqui uma digressão: o título das *Memórias* de Mendes nos remete ao livro *Sobrevivendo no inferno*, dos Racionais MC's. Neste livro, há um rap específico intitulado “Diário de um detento”, que dialoga com o narrador de *Memórias de um sobrevivente*, uma vez que ambos os “detentos”, para sobreviver, vivenciam a dor, a tortura, a humilhação, a fome, a sede etc. Em uma parte do rap, os Racionais se questionam: “Será que Deus ouviu minha oração?”; “Será que o juiz aceitou a apelação?”. Esse sofrimento, essa angústia de quem está preso em relação à decisão do juiz é real, pois, no segundo semestre de 2022,

trabalhei no Colégio Estadual Primeiro Tenente PM Hailton dos Santos, um presídio feminino, e observei o sentimento de inquietação, de aflição das alunas diante da seguinte questão: “Quando chegará o dia de eu sair desse inferno?”. Sim, a realidade prisional, para as mulheres, é um verdadeiro inferno. Muitas alunas minhas apareciam, nas aulas, com os braços marcados por alguma espécie de instrumento cortante (que não consegui identificar), ou seja, o suicídio é uma tentativa frequente de fuga daquela realidade, à qual as mulheres prisioneiras recorrem por não suportarem a “bruta flor” da realidade, remetendo aqui à canção “O querer”, de Caetano Veloso.

Importa dizer, nesta Introdução, que uma forte motivação, em minha pesquisa, para o tema das memórias prisionais é o fato de que, durante trinta e dois anos, fui moradora de uma comunidade em Duque de Caxias, e, na condição de moradora de periferia, por essas três décadas, vi muitos vizinhos serem presos e desaparecerem, e, quando retornavam da prisão, sempre usavam a desculpa de que estavam no Nordeste. Houve uma passagem de Ano Novo em que alguns vizinhos gritaram por liberdade em referência a um morador que se encontrava preso.

Hoje, há cinco anos, não moro mais em uma comunidade; porém, decidi ser professora de uma unidade penitenciária para ter a experiência de dar aulas para presos reais e não ficar apenas com as memórias elaboradas por presos. Sou professora do Complexo Penitenciário de Bangu e posso dizer que não dou aula para prisioneiros, mas leciono para alunos como todos os outros alunos que já tive, com uma diferença: o estudo, para eles, tem grande importância, pois é utilizado para diminuir ou remir os anos de pena que têm a cumprir. Além disso, a escola, para os alunos de Bangu 3, é um lugar sagrado, pois é o momento em que eles saem de sua realidade “concreta” para frequentar um ambiente onde são bem recebidos pelos professores e diretores, um ambiente que os valoriza como seres humanos. É importante salientar, também, que os alunos (é o modo como eu os vejo) são muitíssimos interessados. No primeiro dia que entrei em sala, um aluno sinalizou que um de seus livros preferidos é *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o que me deixou encantada, pois, em doze anos de trabalho no Estado, nunca ouvi tal declaração de um aluno.

Vale ressaltar que meu interesse em trabalhar em uma unidade prisional vem, em grande medida, de, na rede de ensino regular estadual, eu me defrontar com alunos indisciplinados e com pouco interesse pelos estudos, devido, principalmente, a circunstâncias familiares que desfavorecem seus estudos, situação que, infelizmente, se reflete, na sala de aula. Em Bangu, não enfrento esse tipo de dificuldade: não tenho impasses nem com a indisciplina dos alunos, nem com seu desinteresse pela aprendizagem.

Por fim, passo a explicitar o percurso da argumentação que pretendo desenvolver. O capítulo inicial, intitulado “O trabalho com a memória” – expressão empregada por Sylvia Molloy no livro *Vale o escrito* (2003) –, traz uma reflexão sobre o modo como Graciliano Ramos, nas *Memórias do Cárcere*, realiza aquele trabalho: questionando, interrogando sua memória, sempre se colocando em uma posição de “não saber”, de “não lembrar”. Essa estratégia – de escrever e, ao mesmo tempo, refletir sobre a escrita – comparece brevemente em Luiz Alberto Mendes. O segundo capítulo, intitulado “Leituras críticas sobre *Memórias do cárcere* e sobre *Memórias de um sobrevivente*”, retoma as leituras críticas que relevantes críticos literários brasileiros realizaram acerca das duas memórias prisionais selecionadas. No terceiro capítulo, cujo título é “As *Memórias do cárcere* e ‘o cárcere das almas’”, analisaremos mais detidamente o livro de Graciliano Ramos, dando ênfase à aprendizagem de Graciliano com o *outro* em suas *Memórias do cárcere*, e a algumas das estratégias narrativas do memorialista Graciliano. No quarto capítulo, estudaremos o livro *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes, privilegiando a vivência de Mendes nas ruas de São Paulo e o modo como se tornou um criminoso; além de enfatizarmos a maneira como Mendes alcança a maioria e é seduzido pelos livros no cárcere. Na Conclusão, retomaremos o caminho percorrido, de modo a enfeixar as nossas reflexões sobre as memórias prisionais aqui investigadas, comprovando que, no Brasil, já se pode falar de uma espécie de subgênero das “memórias”: aquele constituído pelas memórias carcerárias, de que os dois livros analisados são vigorosos exemplos.

É importante ressaltar que, neste material ora apresentado à Banca, incluímos quatro anexos, que correspondem a três entrevistas de Luiz Alberto Mendes concedidas à revista *Cult* (2002), à revista *Getúlio* (2010) e à revista *Revestres* (2020); e ao conto “Cela forte” (2005), de Luiz Alberto Mendes, publicado no livro *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*, organizado por Ferréz (2005). Tais anexos serão mencionados na análise da obra de Mendes.

1 O TRABALHO COM A MEMÓRIA: O EU COMO PERSPECTIVA DE SI MESMO

O “trabalho com a memória” (Molloy, 2003) já havia sido demonstrado com muita clareza na obra *Infância*, de Graciliano Ramos, ocupando quase todo o primeiro capítulo do livro, intitulado “Nuvens”, e estendendo-se, de modo menos intenso, por todo o livro. No segundo capítulo de *Infância*, intitulado “Manhã”, o narrador afirma que reuniu pedaços de pessoas e de coisas, assim como pedaços de si mesmo que boiavam no passado confuso, e ainda diz que, em seu pequeno mundo incongruente, às vezes as peças se deslocavam e surgiam estranhas mudanças. Essa breve paráfrase do segundo parágrafo de “Manhã” nos mostra o narrador em diálogo com sua memória e com seu passado, e o modo de construção do texto no presente da escrita, isto é, a construção do texto com partes fragmentadas do passado.

No primeiro capítulo das *Memórias do cárcere*, o memorialista parece estabelecer um diálogo com o narrador de *Infância* no que se refere ao embate com a memória e com os fatos passados, como podemos observar no seguinte fragmento do referido primeiro capítulo das *Memórias*:

(...) Com esforço desesperado arrancamos de cenas confusas alguns fragmentos. Dúvidas terríveis nos assaltam. De que modo reagiram os caracteres em determinadas circunstâncias? O ato que nos ocorre, nítido, irrecusável, terá sido realmente praticado? Não será incongruência? Certo a vida é cheia de incongruências, mas estaremos seguros de não nos haveremos enganado? (RAMOS, 2020, p. 13).

Ambos os narradores compostos por Graciliano “presumem” os acontecimentos – e duvidam de sua capacidade de reconstituí-los –, empregando marcas textuais como as palavras “pareceu-me”, “ignoro”, “figuras indecisas”, “fragmento de pessoas”, “lugares imprecisos”, “pontos nebulosos”, “ilhas esboçando-se no universo vazio”, “Falta meia dúzia de linhas, não chego a restituí-las”. Diante dessas expressões – empregadas pelo narrador de *Infância* – que ressaltam a imprecisão da lembrança e apontam para o processo de “construção” da memória, talvez possamos afirmar que o narrador das *Memórias do cárcere* nasceu em *Infância*; aliás, a vida do menino, tal como apresentada na segunda obra, também constituía uma prisão. Assim, haveria ecos da prisão nas duas obras memorialísticas de Graciliano Ramos? Não é nosso objetivo comparar o significado de “prisão” (um de teor objetivo e real e outro de teor subjetivo) em ambas as obras do mestre Graciliano, mas lançamos mão do início do livro que (re)compõe as vivências do menino, para que esse início nos ajude a entender o modo como o memorialista Graciliano Ramos trabalha com a

memória. Vejamos a leitura de Maria Betânia Almeida Pereira (2015), que fundamenta a nossa aproximação entre as duas obras, no tocante ao tema da prisão e de seus desdobramentos, como a violência e a humilhação, entre outros:

(...) No seu formato final, a obra [*Infância*] representa a infância dum menino nordestino, num meio severo, revivendo fatos, pessoas e acontecimentos que influíram na sua educação e formação como pessoa. A infância em cena desmistifica a ideia do lugar paradisíaco, ameno e feliz; pelo contrário, o menino habita um *locus horrendus*, onde são raríssimos os espaços para as brincadeiras e para o prazer. Tal como o adulto que foi marcado por cicatrizes profundas em sua convivência nos subterrâneos do cárcere, a criança também foi marcada por episódios de violência gratuita, maus-tratos, descasos, indiferenças. As imagens revisitadas dialogam, de certa maneira, com o estado de exceção vigente em *Memórias do cárcere*. (PEREIRA, 2015, p.17).

Presente nas duas obras memorialísticas de Graciliano Ramos – e exemplificado no trecho anteriormente destacado das *Memórias do cárcere* –, o trabalho com a memória, para Sylvia Molloy, consiste no movimento de interrogação constante, por parte do memorialista, sobre o seu próprio processo de (re) constituição do passado, assim como sobre as limitações desse processo, uma vez que o passado é inacessível, estando fora do alcance do memorialista. Para Sylvia Molloy, o trabalho com a memória, como todas as maneiras de recordação, é uma forma de fabulação. Pensar a memória, dela desconfiar e questioná-la, pode pôr em perigo a recriação do passado e sua reivindicação de veracidade, abrindo possibilidades às hesitações e às obsessivas (no caso do memorialista Graciliano) reflexões sobre a própria escrita do passado.

Sylvia Molloy lembra que “toda tentativa de restaurar [o passado] é frustrada, minada desde o início. (...) [O memorialista] desafia o leitor (como desafia a si mesmo) a recompor um passado que se dispersa ativamente no presente, na errância digressiva que constitui sua própria escrita” (MOLLOY, 2003, p. 281). É o que se observa em numerosas passagens das *Memórias do cárcere*, como neste trecho, em que o narrador se posiciona de forma enviesada diante das suas experiências, diante do seu passado: “exponho o que notei, **o que julgo** ter notado” (RAMOS, 2020, p.12-13, grifos nossos).

Retomando o escritor Graciliano Ramos em *Infância*, o primeiro capítulo dessa obra nos chamou a atenção a partir mesmo de seu título, “Nuvens”, que aponta para o modo como a memória é elaborada: através de nuvens, que não são claras, mas obscuras e dispersas. Tal modo de narrar e de elaborar o passado, em meio a nuvens, também se mostra nas *Memórias do cárcere*, livro em que o narrador, com grande frequência, hesita antes de dizer e sobre o

que vai dizer, conforme podemos observar no fragmento a seguir, ainda do primeiro capítulo da obra:

Certo **a vida é cheia de incongruências, mas estaremos seguros de não nos haveremos enganado?** Nessas vacilações dolorosas, às vezes necessitamos de confirmação, apelamos para reminiscências alheias, convencemo-nos de que a minúcia não é ilusão. Difícil é sabermos a causa dela, desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram. Como isso variava em excesso, **era natural que variássemos também, apresentássemos falhas.** (...) (RAMOS, 2020, p.13, grifos nossos).

O texto das *Memórias do cárcere*, como observamos no fragmento acima, é marcado por indagações sobre o dizer e sobre os próprios posicionamentos do narrador quanto ao fato de ter, ou não, cometido enganos acerca do que afirma. É um texto “tisonado” por vacilações, por “falhas”, das quais nenhum memorialista está isento, e, por isso, o memorialista que se quer mais lúcido trabalha com e a partir de tais falhas. A falha é, então, a marca do dizer do narrador das *Memórias do cárcere*.³ “Falha” essa que não será encontrada, de maneira tão evidente e persistente, nas *Memórias de um sobrevivente*, uma vez que este livro apresenta um movimento oposto ao de Graciliano, não expondo as dúvidas e hesitações do narrador.

Cabe aqui uma justificativa acerca do conceito de “falha” citado no parágrafo anterior. Em nosso Mestrado (cursado na UERJ), tivemos contato com a Análise de Discurso de linha francesa, cuja principal estudiosa, no Brasil, se chama Eni Orlandi. Orlandi (2007) reflete sobre a língua e o sujeito que a utiliza. Distanciando-se totalmente da noção de língua como código de comunicação, como ferramenta de comunicação, a autora afirma que, levando em consideração a psicanálise lacaniana, a língua é porosa, isto é, na constituição da língua estão a falha e o equívoco. Isso acontece porque o indivíduo que faz uso da língua é sujeito a falhas, a equívocos, a deslizes, que são provocados pelo inconsciente que se estrutura como linguagem. Esse saber inconsciente, citamos a crítica literária Shoshana Felman, “o sujeito não pode atingir de modo algum, portanto, a não ser por intermédio da equivocação, dos efeitos de contrassenso que sua palavra registra: sonhos, lapsos, chistes.” (FELMAN, 1975, p. 57).

Sabemos que o texto autobiográfico/memorialístico diz respeito a acontecimentos relacionados a um tempo passado, os quais são narrados e reavaliados em um tempo presente. Citemos Molloy: “O presente da escrita sem dúvida condiciona o resgate do passado; conta menos aquilo que se recorda do que o quando e a partir de onde se recorda” (MOLLOY, 2003, p. 225).

³ Vale a pena ressaltar que as falhas às quais estamos nos referindo não constituem um “defeito” do texto de Graciliano Ramos; tais “falhas” conformam a escrita do narrador de *Memórias do cárcere*, constituindo uma de suas marcas mais evidentes.

Esse gesto de resgate e (re)construção do passado necessita da memória para que tenha existência. Junto ao trabalho da memória, o recurso da imaginação permite ao memorialista reelaborar uma nova personagem em relação àquela que um dia foi em um passado próximo ou distante, possibilitando-lhe, também, a reconstituição dos lugares onde esteve e as pessoas com as quais conviveu. Trata-se de um trabalho de escavação do passado, como se ele estivesse escavando um “baú de ossos”, para nos lembrarmos da metáfora criada por Pedro Nava. E quando “o autobiógrafo alcança este ponto de vista de onde se abarca retrospectivamente toda uma vida, ele impõe ao passado a ordem do presente” (2003 apud MOLLOY; WEINTRAUB, 1975). Portanto, o memorialista, com o pé (ou a “pena”) fincado no presente, revisita e (re)elabora o passado, fazendo-o por meio de um “trabalho com a memória”. Neste âmbito, existem diversas possibilidades de se visitar/inventar o passado, de mobilizar a memória e exercitar a imaginação.

Segundo Molloy, a autobiografia é sempre uma re-presentação, ou seja, um tornar a contar, pois a vida a que supostamente se refere é, por si mesma, uma construção narrativa. Ou seja, o sujeito tenta escrever sobre si mesmo; no entanto, esse processo de dar voz àquilo que não fala mascara sua tentativa de retorno ao passado, um retorno para sempre fracassado.

Importa observar que ambas as memórias aqui estudadas trabalham com tal movimento de reconstrução do passado; porém, há uma diferença entre elas: nas *Memórias do cárcere*, o narrador mexe e remexe seu texto, interroga o que escreveu, mesmo afirmando que é coagido, em seu processo de escrita, pela gramática e pela lei:

Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a delegacia de ordem política e social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer. (RAMOS, 2020, p. 10)

Nas *Memórias de um sobrevivente*, o narrador retoma, de modo repetitivo e linear, sua trajetória na vida criminal, dando um tom de redundância a seu texto. Quase não encontramos, na escrita de Mendes, espaços em que o texto trabalha com equívocos e falhas constitutivas do próprio dizer. Não há uma mirada para o passado do texto, para o que foi dito e escrito, apenas um gesto conteudista de narrar seu passado infernal nos mínimos detalhes.

Vale a pena fazermos referência, neste espaço, a um texto de Philippe Artières (1998), intitulado “Arquivar a própria vida”. Nesse trabalho, Artières estuda os arquivos pessoais (um relato autobiográfico e um diário) de Émile Nougier – um delinquente acusado do assassinato de uma dona de cabaré. O que nos chamou a atenção no texto de Artières foram os fragmentos citados dos textos de Nougier. Decidimos transcrever um desses fragmentos e

contrapô-lo ao modo como o narrador de *Memórias do cárcere* e o de *Memórias de um sobrevivente* se posicionam. Vejamos:

Refleti esses dias sobre o meu passado e **tentei me lembrar** das evoluções sucessivas que se produziram em mim, que me levaram a cometer os numerosos roubos de que todos sabem, sem contar os que ninguém conhece. Uma coisa me preocupa e para resumir em poucas palavras, **eu não sei começar. Sim eu estou bastante atrapalhado com isso e não sei como fazer**, mas eu me digo que esse obstáculo também atrapalhou outros além de mim que nem por isso deixaram de chegar ao objetivo que se propuseram. Superemos portanto o obstáculo, pois é inútil tentar evitá-lo, e depois eu acho que a coisa vai andar por si. (...) Eu sinto o quanto é difícil a tarefa que vou realizar e como os meus conhecimentos são inferiores àqueles que me seriam necessários para chegar ao meu objetivo, mas **vou fazer o possível para fazer uma coisa direita e também completa, tanto quanto a minha memória permitir**. (1998 apud ARTIÈRES; NOUGUIER, 1899, grifos nossos).

Cotejando a sequência textual acima que nos traz um arquivo do prisioneiro Nougier, observamos que o modo como o autobiógrafo se posiciona é semelhante ao modo como o narrador das *Memórias do cárcere* apresenta sua escrita ao leitor: Nougier revela uma escrita sinalizada por falhas, por hesitações, admitindo não saber como vai escrever e se refere à memória como um possível obstáculo para suas lembranças: “(...) vou fazer o possível para fazer uma coisa direita e também completa, tanto quanto a minha memória permitir.” (1998 apud ARTIÈRES; NOUGUIER, 1899). Nougier, enquanto se aproxima do gesto interpretativo de Graciliano em relação às suas *Memórias*, distancia-se do movimento traçado por Mendes para contar suas “*Memórias de um sobrevivente*”, marcadas pela repetição e pela descrição minuciosa dos fatos, como já tivemos a oportunidade de mencionar.

O memorialista busca (re)elaborar sua imagem de outrora, mas ele nunca se encontrará com o outro que foi, pois há uma distância temporal e espacial que impede o encontro e gera uma não-coincidência entre o autobiógrafo e aquele outro que um dia viveu em uma determinada época, como nos mostra Molloy: “Chegar a ver: o autobiógrafo hispano-americano é como essa menina que se lança para ver um velho tesouro, do qual é testemunha privilegiada e secreta, para depois passar a contar o que viu, no momento exato em que ele desaparece” (MOLLOY, 2003, p. 261).

Artières, em sua análise dos arquivos do prisioneiro Nougier, adverte que escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, são práticas do que Foucault chamava a preocupação com o eu. Arquivar a própria vida é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido, o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência. Importa afirmar que um traço comum às práticas de arquivamento consiste em um desejo de tomar distância em relação a si próprio. O arquivamento do eu constitui um discurso híbrido que resiste à interpretação, enfim, um

dispositivo de resistência. É como narrativas de resistência que estamos interpretando as *Memórias* aqui investigadas.

O narrador das *Memórias do cárcere* sabe não ser possível dizer o vivido, o experienciado; ele expõe, então, um movimento de interrogação da memória, que se evidencia na reflexão sobre a própria escrita. Este é um processo sedimentar, residual: o narrador parece tatear por entre as trevas da memória, e a narrativa ganha uma forma pendular, na medida em que o memorialista se faz, frequentemente, autoquestionamentos, refletindo sobre si, refletindo sobre os outros e, como afirmamos, refletindo sobre a própria escrita. Esse movimento pendular nas *Memórias do cárcere* é observado por Mônica Gomes da Silva:

A escrita [de *Memórias do cárcere*] se realiza em modo pendular: apresenta primeiro a ação, seguida do comentário, com uma pergunta recorrente pontuando os parágrafos, uma marca obsessiva, que cria um ritmo sincopado, assim como a alternância entre os assuntos, elevando a dicotomia entre interior e exterior, presente nos capítulos anteriores, ao ponto máximo. (SILVA, 2015, p. 39).

Vale a pena ressaltar que as lembranças reconstruídas nas *Memórias do cárcere* apresentam uma “responsabilidade histórica” (MOLLOY, 2003, p. 238), por trazerem ao conhecimento do leitor as agruras pelas quais o personagem passou na ditadura varguista, vista na obra como um “pequenino fascismo tupinambá” (RAMOS, 2020, p.10). Revelando um contexto histórico ditatorial, as *Memórias do cárcere* servem como experiência para que essa realidade da ditadura e suas perseguições não se repitam, como nos diz Adorno a respeito de Auschwitz: “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (ADORNO, 2020, p.129). Não que estejamos comparando o sofrimento do personagem das *Memórias do cárcere* ao genocídio dos judeus, mas queremos observar o gesto de Adorno ao chamar a atenção para o fato de que, com Auschwitz, milhões de pessoas civis foram assassinadas de modo planejado e essa barbárie não pode ser ignorada pela civilização. É preciso dizer e denunciar, pois a narração da denúncia, pelo memorialista, impede o esquecimento.

Nos parágrafos a seguir, veremos como Tzvetan Todorov realiza uma leitura próxima à de Adorno no que se refere aos campos de concentração de Auschwitz, leitura que fundamenta os dois livros investigados nesta tese.

No livro *Em face do extremo*, Todorov se pergunta se há um lugar para a moral quando um indivíduo se encontra em excessiva situação de degradação humana. Depois de citar as palavras de um sobrevivente de Auschwitz – “[...] As condições do campo não permitem aos homens permanecer homens, os campos não foram criados para isso” (1995

apud TODOROV; CHALAMOV, 1980) –, o estudioso afirma que o principal efeito dessas condições é “a ausência de compaixão pelo sofrimento de outrem” (TODOROV, 1995, p.41). Os campos provocavam, portanto, a ausência de solidariedade: em vez de aquele homem martirizado prestar ajuda ao seu próximo, ele contribuía para o seu desaparecimento.

Todorov também menciona relatos de outros sobreviventes que, nos campos de concentração, testemunharam ou realizaram ações de humanidade, vindo a ajudar o outro que precisava. Dessa forma, o teórico conclui que pode, sim, haver vida moral em situações extremas. Por vida moral, o autor entende a possibilidade de escolha do detento em ajudar ou não o outro detento.

É preciso dizer e denunciar, pois a narração da denúncia, pelo memorialista, impede o esquecimento. A memória, afirma Todorov no livro *Em face do extremo*, promove uma seleção daquilo que, no passado, aparece como digno de ser retido (TODOROV, 1995, p. 282). O filósofo se pergunta: “Como rememorar o passado?” (TODOROV, 1995, p. 283), interrogação que ecoa em nossa investigação sobre os memorialistas abordados nesta tese: como cada um deles rememora o passado?

Apenas antecipando o que será desenvolvido mais adiante, ressaltamos que o memorialista Graciliano, nas *Memórias do cárcere*, “falha”, com frequência, em relação ao uso que faz das palavras. Lembrando Deleuze, em *Crítica e Clínica* (2011), é como se, ao narrar, o memorialista gaguejasse, não encontrando a palavra adequada para “contar” com fidelidade o fato passado. Há, como consequência, um ir e vir na narrativa de Graciliano. Em Mendes, esse movimento de crítica do processo de escrita, de retorno sobre o próprio dizer, apenas é revelado no epílogo do livro – espaço em que o narrador se apresenta ao leitor com suas fraquezas e mudanças de perspectiva. Portanto, a autorreflexão sobre a própria escrita percorre obsessivamente as *Memórias do cárcere* e só se efetiva nas *Memórias* de Luiz Alberto Mendes no final da obra.

Ainda no livro *Em face do extremo*, Todorov afirma que a memória do passado não deve funcionar como um monumento, como algo exemplar, mas como um instrumento que devemos usar para analisar o tempo presente. O estudioso diz que, em vez de “virarmos” o mal como uma página da história que ficou em anos anteriores, devemos lê-la.

Há uma angústia do detento enquanto está preso, declara Todorov, mas também existe uma angústia do sobrevivente que não consegue se libertar das imagens do passado. Poucos detentos judeus conseguiram refazer suas vidas. Após o mal, após experiências como a do nazismo e como a de ditaduras políticas, espera-se que as pessoas mudem, mas, não:

continuam egoístas, preocupadas consigo mesmas. O sobrevivente se defronta com essa realidade e desmorona.

Dialogamos com a obra de Todorov, à qual voltaremos mais adiante, por acreditar que estar preso consiste em vivenciar o extremo, vivenciar o terror de não ter mais vontade própria e, portanto, de perder a dignidade e a condição de humanidade, experiência vivida pelos dois memorialistas aqui estudados, que evidenciam, em seus relatos, a responsabilidade histórica anteriormente mencionada: Graciliano Ramos, nas *Memórias do cárcere*, denuncia, entre outras iniquidades, os maus-tratos que sofreu no Porão do *Manaus* e na Colônia Correccional, durante o período da ditadura de Getúlio Vargas. Já Mendes, em *Memórias de um sobrevivente*, contribui para a história brasileira a partir do momento em que denuncia as diversas torturas praticadas, nas prisões, por policiais e pelos próprios presos (os mais velhos abusando dos recém-chegados à prisão). Ele denuncia o tratamento abusivo existente nos presídios, que vitima os detentos, assim como o desamparo a que ficam submetidos, uma vez que os chamados psicólogos penais não os auxiliam.

No próximo capítulo, vamos revisitar alguns relevantes estudos críticos sobre as obras que compõem o nosso *corpus*, tomando-os como referenciais que poderão nortear – e provocar – as nossas reflexões sobre as memórias prisionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Graciliano Ramos e Luiz Alberto Mendes: um eu que espia os outros e espia a si mesmo. Graciliano, em suas *Memórias do cárcere*, em um momento se questiona sobre a arte dos criminosos: “Seriam essas criaturas naturalmente insensíveis, brutas, lerdas? Talvez o cárcere lhes roubasse as energias, embotasse a inteligência e a sensibilidade.” (RAMOS, 2020, p. 71). Em uma entrevista concedida à revista *Getúlio*, Luiz Alberto Mendes declara que Graciliano é o seu mestre. Ambos os escritores narram em tempos tão distantes; porém, vivenciam, de modo semelhante, a experiência da dor a partir da vivência no cárcere.

Graciliano narra suas *Memórias* dez anos depois da experiência do cárcere, ou seja, narra já fora do cárcere, ao passo que Luiz Alberto Mendes escreve, produz sua escrita no cárcere. Por isso, esta tese se intitula “Literatura do cárcere e Literatura no cárcere: *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos e *Memórias de um sobrevivente*, de Luiz Alberto Mendes”. Entre ambas as obras há muitas distâncias, mas, também, várias semelhanças. Por isso, torna-se oportuno cotejá-las.

Em ambas as *Memórias*, temos exemplos de presos políticos, pois acreditamos que todos os presos são políticos. Graciliano foi preso no período da ditadura varguista e Mendes foi preso, várias vezes, no período da ditadura militar. A diferença entre eles? Graciliano era um intelectual e Mendes um homem comum; Graciliano Ramos era um burguês e Luiz Alberto Mendes Jr., como ele mesmo se descreve em uma de suas entrevistas, um “bastardo”.

Nas *Memórias do cárcere*, o narrador conta a história de um ponto de vista coletivo; já em *Memórias de um sobrevivente*, o narrador traça um perfil de teor testemunhal, centrado na figura individual do protagonista. No primeiro livro, o narrador tenta compreender os outros presos e, dessa forma, olhando o outro, compreende a si mesmo. No segundo livro, entramos em contato com uma trajetória de vida linear e redundante do narrador-protagonista, uma vez que os acontecimentos se repetem enfaticamente.

Graciliano, em suas *Memórias do cárcere*, joga com as palavras, expondo-as ao equívoco inerente à língua (Orlandi, 2007). Luiz Alberto Mendes, em *Memórias de um sobrevivente*, lança mão de uma linguagem elaborada, porém, não interroga os sentidos que as palavras trazem consigo. Essa linguagem mais elaborada de Mendes aparece somente em suas *Memórias* prisionais. Nas entrevistas, Mendes emprega um tom mais natural e despojado.

As duas *Memórias* constituem documentos históricos e culturais de resistência. As *Memórias do cárcere* resistem à ditadura varguista e as *Memórias de um sobrevivente*

resistem ao sistema carcerário e às suas regras hipócritas. Muitas vezes, Graciliano Ramos resiste com o silêncio e a náusea, diante das situações vivenciadas no cárcere, ao passo que Mendes resiste com a revolta, com o ódio, com a violência.

Ambas as *Memórias* estudadas aqui são narradas na primeira pessoa e nelas há um processo de metamorfose existencial pelo qual passam seus narradores-protagonistas. Graciliano, à medida que entra em contato com os outros prisioneiros, modifica sua visão pre-(concebida) do outro e revisa a si mesmo. Mendes, à medida que entra em contato com a cultura (literaturas brasileira e universal; filosofia), dentro do cárcere, se transforma em um ser mais social e sociável, de tal forma que é aprovado em primeiro lugar para a faculdade de Direito da PUC de São Paulo, passando a frequentar a faculdade; mas, por suas fraquezas em relação ao crime, abandona o curso. No entanto, torna-se um professor dentro da cadeia e é como “professor” que é conhecido e respeitado pelos outros prisioneiros.

Ambas as *Memórias* pesquisadas nesta tese se identificam com o excesso do dizer na escrita, prezando, em sua narrativa, pelos detalhes e pelas descrições. Acreditamos que seria algo que caracteriza a estética de tais memórias e as aproxima: a estética do excesso.

As *Memórias do cárcere* podem ser reconhecidas como o “cânone” das memórias prisionais, já as *Memórias de um sobrevivente* constituem uma narrativa que vem tensionar tal cânone, trazendo-nos um homem comum que erra; confessa seus erros (às vezes os justifica, às vezes não) e denuncia os bastidores do sistema carcerário paulista. Temos, dessa forma, com as *Memórias do cárcere* e as *Memórias de um sobrevivente*, o cânone e a margem; o cânone e a periferia.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003, p. 55-63.
- AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002.
- ANTÔNIO, João. Malagueta, Perus e Bacanaço. In: ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Cosac Naify, 2015. p. 143-219.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. *Graciliano Ramos e o desgosto de ser criatura*. Ilhéus, Bahia: Editus, 2014.
- ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar a própria vida*. 26p. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em 31 dez. 2022
- BARBOSA, Orestes. *Bambambã!*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993.
- BASTOS, Hermenegildo. *Memórias do Cárcere: literatura e testemunho*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BATISTA, Guilherme da Silva. S. *Literatura de cárcere e as tensões ao cânone: uma análise da obra Memórias de um sobrevivente, de Luiz Alberto Mendes*. 2022. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras do Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
- BORGES, Juliana. *Encarceramento em massa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em Memórias do cárcere. *Estudos Avançados*, v.9, n.23, 14 p., 1995. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8862/10414>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em *Memórias do cárcere*. In: BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 221-237.
- BUARQUE, Chico. O meu guri. In: *Almanaque* [CD]. São Paulo: Marola Edições Musicais Ltda, 1981.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In: CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1998. p. 19-54.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017. p. 171-193.
- CARELLI, Fabiana Buitor. *Porões da memória: ficção e história em Jorge Amado e Graciliano Ramos*. 1997. 208 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) - Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- COIMBRA, Cecília Maria Bouças. Prefácio. In: CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. *Deserdados: dimensões das desigualdades sociais*. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação Editora, 2007.

- CORONEL, Luciana Paiva. *A escrita contemporânea do cárcere: história e literatura na voz da margem sobre a cidade*. *Mouseion*, Canoas, n.20, p. 33-43, abr. 2015. Disponível em: <http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/2121>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DURIGAN, Jesus Antonio. João Antônio e a ciranda da malandragem. In: SCHWARZ, Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 214-218.
- FELMAN, Shoshana. A equívocação e a sua chance. In: BETTY, Milan; MENDONÇA, Antônio Sérgio Lima (org.). *Lacan*. Rio de Janeiro: Lugar, 1975. p.56-71.
- FERRÉZ. *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a prisão. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010. p.129-143.
- FOUCAULT, Michel. “*Alternativas*” à prisão: Michel Foucault um encontro com Jean-Paul Brodeur. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2022.
- FREIRE, Manoel. Dialética da ordem e da desordem: uma leitura de Malagueta, perus e bacanaço. *Gelne*, v. 20, n. 1, p. 11, 2018. Disponível em: <http://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/15453>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- GALEANO, Eduardo. Celebração da voz humana/2. In: GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2000. p. 23.
- GINZBURG, Jaime. Imagens da tortura: ficção e autoritarismo em Renato Tapajós. In: KEIL, Ivete; TIBURI, Marcia (org.). *O corpo torturado*. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004. p.141-160.
- GIRON, Luís Antônio. Vozes da prisão: pena de sangue. Separata de: *Revista Cult*, ano 6, n. 59, p. 34-44, 2002.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo, Perspectiva, 2015.
- GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- JESUS, Maria Carolina de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.
- KEIL, Ivete; TIBURI, Marcia (org.). *O corpo torturado*. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004.
- LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MENDES, Luiz Alberto. *Às cegas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- MENDES, Luiz Alberto. O conceituado malandro hoje é um otário. Entrevista concedida a José Geraldo Oliveira. *Getúlio*, São Paulo, v. 21, p. 53-57, maio 2010. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/getulio/article/view/61888/60049>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- MENDES, Luiz Alberto. Homem reinventado. Entrevista concedida a André Gonçalves, Samária Andrade e Wellington Soares. *Revista Revestres*, n. 51, abr. 2020. Disponível em: <http://revistarevestres.com.br/entrevista/homem-reinventado/>. Acesso em 10 jul. 2022.
- MENDES, Luiz Alberto. *Memórias de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- MIRANDA, Wander Melo. *Graciliano Ramos*. São Paulo: Publifolha, 2004.
- MIRANDA, Wander Melo. O valor enorme das palavras. *Publifolha*, v.6, n. 35, p. 8, 2006. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/8872>. Acesso em: 9 out. 2022.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*. São Paulo: Edusp, 2009.
- MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica*. Tradução de Antônio Carlos Santos. Chapecó: Argos, 2003.
- ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. São Paulo: Unicamp, 2007.
- ORLANDI, Eni. Ordem e organização da língua. In: ORLANDI, Eni. *Interpretação*. São Paulo: Unicamp, 2007. p.45-51.
- PALMEIRA, Maria Rita Sigaud Soares. 2009. 180 f. *Cada história, uma sentença: narrativas contemporâneas do cárcere brasileiro*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *A volta da realidade das margens*. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9789>. Acesso em 24 dez. 2022.
- PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras; Faperj, 2013.
- PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Subalterno, periférico e marginal: os novos sujeitos da enunciação no cenário cultural brasileiro*. Disponível em: http://www.academia.edu/30488767/Subalterno_perif%C3%A9rico_e_marginal_os_novos_sujeitos_da_enuncia%C3%A7%C3%A3o_no_cen%C3%A1rio_cultural_brasileiro. Acesso em: 23 dez. 2022.
- RACIONAIS MC's. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- SALLA, Thiago Mio; LEBENSZTAYN, Ieda (org.). *Conversas*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição*. Recife: Cepe, 2020.
- SANTOS, Matilde Demétrio; SILVA, Mônica Gomes da (org.). *Pensar memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SCHOLLHMAMER, Karl Erik. Memórias de delinquência e sobrevivência. In: SCHOLLHMAMER, Karl Erik; OLINTO, Krieger Heidrun (org.). *Literatura e memória*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2006. p.137-147.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Violência, encarceramento e (in)justiça: memórias de histórias reais das prisões paulistas. *Revista Letras*, n. 43, p. 29-47, 2003.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Novos escritos dos cárceres: uma análise de caso. Luiz Alberto Mendes, *Memórias de um sobrevivente. Estudos de Literatura Brasileira*

Contemporânea. [n. 27, 2006]. 24 p. Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9090>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, Qual Romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

TINOCO, Robson Coelho.; RIBEIRO, Maria Luzineide da Costa. *Sob a custódia do tempo: formação de leitores em penitenciárias do Distrito Federal*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2020.

TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo*. Tradução de Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránsky. Campinas: Papyrus, 1995.

VAZ, Sérgio. *Literatura, pão e poesia*. São Paulo: Global Editora, 2011.

VELOSO, Caetano. O querer. Organizador Eucanaã Ferraz. In: VELOSO, Caetano. *Letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 225.

ZAGURY, Eliane. Graciliano Ramos e o modernismo clássico. In: ZAGURY, Eliane. *A palavra e os ecos*. Petrópolis: Editora Vozes, 1971. p. 55-73.

ANEXO A – Entrevista de Luiz Alberto Mendes concedida a Luís Antônio Giron, em julho de 2002. Revista *Cult*.

Cult – Você diz que escrever lhe é essencial. Ora, isso não é uma característica de todo preso?

Luiz Alberto Mendes – O preso não necessita escrever. Ele necessita se comunicar, e escrever cartas e textos são apenas um meio. Eu necessito escrever porque sinto prazer em expor o que me vai por dentro.

Cult – Você estudou na universidade. Continua estudando?

L.A.M. – Sim. Principalmente pela ideia de participar de um mundo onde, se considera, estejam as melhores cabeças pensantes.

Cult: O que significa escrever para você?

L.A.M. – No princípio era a vingança. Era sede de justiça. Era vontade de gritar, pegar o mundo todo num ouvido só. Depois, já mais calmo e idoso, pensei que fosse porque havia o que dizer sobre o mundo que ninguém sabia. Os de fora não sabem, e os de dentro são tidos como sem moral para falar. Tentei criar essa moral e escrever com critério e verdade. A literatura de impacto, infelizmente, é necessária.

Cult - Como é seu dia a dia na prisão?

L.A.M. - Acordo, ajudo na faxina do xadrez. Tomo café com pão e sento para escrever. Levanto, vou correr e fazer preparação física. Tomo banho e volto a escrever. Enquanto não iniciam as aulas, na parte da tarde leio e estudo. Na parte da noite, escrevo e leio. Pouquíssimo assisto à TV, apenas noticiário. Não tenho qualquer regalia no presídio. Talvez possa vir a ter com o tempo, no Setor de Educação, acesso à biblioteca, meios de escrita, quiçá computador.

Cult – A editora alterou os originais de *Memórias de um sobrevivente*?

L.A.M. – Não; apenas me pediu que tirasse os nomes de delegados, policiais torturadores, diretores perversos, funcionários do Juizado de Menores corruptos e espancadores. Questões jurídicas que deu para negociar bem.

Cult – Os intelectuais “anteados” buscam em você uma fonte de pesquisa. Como você analisa a aproximação da universidade com os presos? Há intercâmbio ou apenas andam vampirizando o mundo prisional?

L.A.M. – Não sei se acadêmicos vampirizam o mundo prisional, mas vejo como uma necessidade a aproximação do preso com a universidade e ainda mais com a sociedade. Há uma cultura criminal a ser combatida e somente a cultura da sociedade e da universidade adentrando as prisões podem combatê-la via substituição. Essa aproximação é um meio, só não sei se eficiente. O preso está abandonado a si próprio, qualquer interesse por ele me parece válido.

Cult – E a situação das prisões? Você sente uma “evolução” tecnológica e cultural no sistema carcerário?

L.A.M. – Vejo uma decadência, e não evolução. As celas individuais, próprias à reflexão necessária foram substituídas por celas coletivas, onde moram doze pessoas. Em tais condições físicas é impossível estudar, pensar, refletir. As prisões aumentam de tamanho fazendo de nossas vidas autênticos formigueiros que não nos permitem individualidade, diferenciação ou promoção por méritos e capacidade.

Cult – Como você elabora seus textos?

L.A.M. – Já escrevi em *laptop* e principalmente à mão. Na maioria das vezes sento-me com uma idéia na cabeça e a história flui normalmente. É só me empolgar com a ideia que o conto acontece. Reviso muitas vezes, sou perfeccionista e agora tendo ao minimalismo.

Cult – Você sente diferença entre escrever memórias, romances e contos?

L.A.M. – Sim. Memórias é um pouco sofrido e chato de escrever. Agora, criar histórias é uma maravilha! Viajo nas histórias, vivo os protagonistas, sou cada um dos personagens e vivo cada situação que invento. Adoro criar.

Cult – Do que trata o romance *Sequestro*?

L.A.M. – É a história de um sequestro com motivação política e que explora a relação entre dois irmãos e a transformação das pessoas de acordo com seus sentimentos e paixões. Exploro o idealismo de esquerda nos anos 70. Meu objetivo é contar uma história empolgante e fazer o que parece mau se transformar em útil, construtivo, produtivo; e o que parece bom

descabelar-se para dentro do submundo do crime, tendo como justificativa sua ação social com uma favela. Me diverti escrevendo essa história complexa, me emocionei, cheguei a chorar. Escrever é um grande barato para mim. Vou reescrever o livro antes de apresentá-lo a alguém.

Cult – Como você vê a literatura que estetiza e maquia a violência, tipo Rubem Fonseca?

L.A.M. – Gosto de Rubem Fonseca. Admiro seu estilo e precisão em escolha de palavras. Mas não gosto que se maquie nada e muito menos estetize. Prefiro a vida, o natural, o chocante o imenso e verdadeiro.

Cult – Você já leu Hosmany Ramos? Como você compara sua literatura com a dele?

L.A.M. – Não. Não me sujeito a comparações. Eu respeito o seu sofrimento de preso.

Cult – Que autores você admira e quais são os favoritos de seus companheiros de prisão?

L.A.M. – Os companheiros preferem Jorge Amado, Sidney Sheldon, Robert Ludlum etc. Livros de aventura. Eu gosto de Zola, James Michener, James Clavell, João Ubaldo Ribeiro, Erico Veríssimo, William Faulkner, Clarice Lispector, Scott Fitzgerald. Adoro filosofia. Estudei oito anos. Conheço razoavelmente quase todas as escolas e correntes e gosto da contemporânea: a existencialista, a marxista e o grupo de Frankfurt, com o qual mais me identifico. Sou apaixonado por Sartre, Merleau-Ponty, Camus, Lukács, Gramsci, Marcuse, Fromm, Adorno, Horkheimer etc.

ANEXO B – Entrevista de Luiz Alberto Mendes concedida a José Geraldo Oliveira, em maio de 2010. Revista *Getúlio*.

Como tudo começou?

Luiz Mendes Minha história começa nos anos de 1950, quando Eida de Oliveira Mendes, uma moça de Pinhal, interior de São Paulo, veio para a capital e conheceu num baile um homem charmoso, bom de papo e casado. A família ficou apavorada. Mulher juntada com homem casado era pior que prostituta, mas ele era bom de lábia e convenceu a mocinha a morar com ele. Na época não tinha televisão nem novela e eles praticavam muito, o que levou a dois abortos, pois se a criança nascesse seria um bastardo. A tentação de ter na cozinha um armário novo, com porta de cristal, impediu o terceiro aborto e vim ao mundo, um bastardo, no dia 4 de maio de 1952. Minha história começa de cabeça para baixo: sou Luiz Alberto Mendes Jr.; nome que herdei do pai, que inventou uma desculpa para me registrar fora do casamento oficial.

O senhor acha que não era para dar certo?

Luiz Mendes Nunca falei que era coitado ou inocente. Meu pai se enchia de pinga e chegava em casa querendo brigar, acordava de ressaca procurando motivo para bater. Minha mãe costurava e trabalhava de faxineira para sustentar a casa. A gente poderia ter tido um futuro legal, mas ele desgraçou tudo. Morreu há quinze anos, de tanto beber. Não ficou nenhum sentimento. Meu pai tem responsabilidade, porque tem mesmo, mas tudo o que me aconteceu na vida foi culpa minha, quis ser bandido, assaltar ou roubar e zoar. Aos 7 anos, quando entrei para a escola, me tornei o diabo. De menino santo virei diabo [Risos].

Quando passou a viver na rua?

Luiz Mendes Estava com 12 anos. Meu pai me prendeu a vida toda, tinha uma pegada violenta, posso falar isso, pois apanhei muito. “Vai buscar o cinturão para a gente conversar.” Quando ouvia isso: *pimba!* Fugia para a cidade. Passei a viver na rua e foi aí que comecei a ser levado para o Recolhimento Provisório de Menores, que ficava na Celso Gracia, 2593, no Belenzinho [Atual Fundação Casa]. Era a Polícia Militar quem tomava conta e dominava a turma na borracha, isso quando os mais velhos não batiam. Quando fugia, achava que alguém tinha de pagar por aquilo. Se pegava um “balão apagado” [Bêbado] no centro da cidade,

quebrava ele no pau, jogava fluido de isqueiro e botava fogo. Tinha muito ódio de bêbado. Fomos os primeiros meninos de rua da cidade. Achava legal roubar, juntávamos quatro ou cinco moleques e íamos zoar: entrar nas casas e quebrar televisão, rasgar estofados, sujar na geladeira. Passei a adolescência correndo da polícia pelas ruas do centro, na São Luís, República, Ipiranga. Quando assisti ao filme *Forest Gump*, me identifiquei com o personagem que corria e não podia parar.

Era uma mistura de revolta com brincadeira?

Luiz Mendes Não éramos bandidos, a onda era vandalismo, tomar droga, minas, velocidade. Roubávamos hoje para gastar amanhã. Não tínhamos estrutura para roubar lugares grandes, mas os pequenos comércios a gente “rupava” tudo [*Rupa: arrastão, a gíria vem da antiga polícia que arrastava todo mundo, explica*]. Fiquei preso no juizado dos 16 anos aos 18 anos e quando saí não era mais um ladrãozinho. Era um bandido e queria descontar o que havia sofrido.

O senhor revive essas histórias nos livros, foi dolorido escrever?

Luiz Mendes Escrever exorcizou bastante esse sofrimento, mas ainda tenho necessidade de escrever mais, e mais fundo. Gostaria de reescrever o *Memórias*, pois na época estava preso e havia situações que não podia mencionar, pois poderia me prejudicar na cadeia.

O que chama a atenção é que não se vê arrependimento.

Luiz Mendes Lógico, hoje você conversa com outro cara [*Risos. Pausa longa.*]. Estava em guerra e a fim de provocar o maior prejuízo, era vingança despropositada. O tempo diluiu a noção de culpa e não ficou arrependimento. Ficou forte o nome do guarda que matei, Delzinho [*O bando assaltava um posto de gasolina, o vigia reagiu e morreu com 22 tiros. Pelo excesso, Luiz foi condenado a 100 anos de prisão*].

Na penitenciária matou outra pessoa. Foi sobrevivência?

Luiz Mendes A história é simples: o cara queria me violentar e o matei com 47 facadas [*Longa pausa*]. É complicado conviver diariamente confinado com 10 ou 12 pessoas. Sentir

os cheiros, o hálito, os ruídos da visita íntima. Todo mundo sofrendo e querendo sair. E o vizinho é a próxima vítima, pois dor quando não é extravasada se transforma em revolta e ódio. Um ambiente carregado emocionalmente, impregnado de solidão. Essa perdura até hoje. Desde pequeno vivo sozinho. Minha vida é solidão, hoje assumida e até querida. [*Aponta para o cachorro Chicão*] Olha meu companheiro aí.

O que é liberdade para o senhor?

Luiz Mendes Me apaixonei por filosofia mas não conhecia nada. Escrevi para a PUC contando a minha história. A Dr^a Rachel Gazolla de Andrade [*Hoje diretora da pós-graduação da Faculdade de Filosofia da PUC*] respondeu. Foram cinco anos de intensa troca de correspondência que fez com quem me aprofundasse no estudo de filosofia. Descobri o existencialismo. Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir. *L'enfer c'est les autres* [O inferno são os outros]. O inferno é a ausência dos outros, a solidão, a miséria interior. Não sei se respondi à pergunta sobre liberdade, sou a pior pessoa para falar sobre esse tema [*Risos*]. Se for para falar sobre prisão é comigo [*Risos*].

E como surgiu o interesse pelos livros?

Luiz Mendes Quando cometi o crime na Casa de Detenção fui desterrado e levado para tirar castigo na cela forte [*Espécie de solitária*] em Presidente Venceslau. Descobri que tirando a água da privada era possível conversar com o ocupante do xadrez em frente e foi dessa maneira que conheci o poeta Henrique Moreno. Durante a madrugada o Moreno me contava sobre os livros que havia lido, a primeira história que ele me contou foi a saga de Jean Valjean, de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo. Quando saiu do castigo me enviou duas pilhas de livros e um rascunho de uma carta para a minha mãe, para que eu copiasse e enviasse a ela. Aprendi a ler e a escrever por meio dessas cartas, único meio de comunicação com o mundo. Os livros me salvaram de mim. Fiz os supletivos e percebi que podia ensinar as pessoas. Alfabetizei “trocentos” presidiários usando papel sulfite e duas pilhas de revistas, tesoura e cola. Durante dez anos ministrei aulas de História e Português do Telecurso 2000, na Casa de Detenção e outras penitenciárias por onde passei.

E como foi o vestibular de Direito da PUC?

Luiz Mendes Em 1979 saiu a lei que permitia ao preso ter acesso ao curso superior. Não especificava que tipo de preso, aproveitei a brecha e em 1982 prestei vestibular para Direito na PUC. Acordava às 5 horas da manhã, tomava meio caneco de café gelado e enfiava a cara nos livros. O exame era concorrido, 5.000 candidatos para 450 vagas: passei em primeiro lugar. Em 1983 entrei com pedido para frequentar as aulas, mas estava condenado a 132 anos de reclusão, o juiz não permitiu. Batalhei e consegui derrubar a pena para 49 anos. Em 1984, por intermédio do cardeal Dom Paulo Evaristo [*Reitor da PUC*], consegui chegar ao secretário de Justiça do Estado, José Carlos Dias, e daí até o juiz, que autorizou a frequência às aulas. Saía às 3 da manhã para a PUC e voltava às 18 horas para o presídio.

E por que desistiu do curso?

Luiz Mendes Não desisti, truta, cá fora [*Risos*]. Não queria ser advogado, estudava apenas para mexer meus papéis. O meu negócio é história. Fugi mesmo, fiquei 45 dias foragido e voltei ao crime. Fui capturado depois de um assalto errado a um doleiro. Havia batalhado tanto para entrar na faculdade e fiz a besteira de cair de novo no crime, entrei numa depressão profunda. Quem sou eu? Sou um assaltante, uma pessoa que gosta de dar tiro nos outros? Quando minha mãe me visitava eu questionava sobre minha infância e fui registrando tudo. Passei a reconstruir minha história.

O escritor Fernando Bonassi o apoiou muito, como se conheceram?

Luiz Mendes O Fernando se tornou um grande amigo. Quando fui desterrado para a penitenciária de Presidente Venceslau, fiquei numa situação terrível, tinha filho pequeno para sustentar e o Fernando me ajudou muito. Nos conhecemos numa oficina de literatura que acontecia dentro da penitenciária, projeto chamado Talentos Aprisionados. Foi quando mostrei o manuscrito das *Memórias de um Sobrevivente*. Pensava que ninguém iria ler 500 páginas da história de um preso que tentava compreender a violência, o encarceramento e a dor. Bonassi achou o contrário, mandou datilografar e mostrou ao Dr. Dráuzio Varella, que levou para a Companhia das Letras.

O *Memórias* abriu algumas portas?

Luiz Mendes Sim. O Paulo Lima, da revista *Trip*, leu e fez questão de me conhecer. Criamos na revista a coluna Mundo Livre. Eu falando de dentro de um presídio e o Henrique Goldman [*Cineasta radicado em Londres*] do mundo aberto. A coluna continua, mas hoje não escrevo do fundo da cela. Falo do fundo da vida.

Depois veio o *Tesão e Prazer – Memórias Eróticas de um Prisioneiro*, lançado na Bienal do Livro de 2004.

Luiz Mendes Era uma necessidade de compreender o que foi e o que é essa vida pulsante que ardia em tudo o que vivi desde menino. Não havia nenhuma intenção erótica, apenas eu me olhando. Nada chocante. Alguma pessoa o considera sublitteratura, mas o livro foi traduzido para o cirílico e lançado na Rússia.

Em 2006 veio *Às Cegas*, uma continuação do *Memórias*.

Luiz Mendes Foi meu pior trabalho. A editora foi perfeccionista, quis tornar literatura respeitável, então secou o texto tirando toda a parte emocional, dizia que ninguém estava a fim de ler sobre massacre. Foi um sucesso e me tornei estrela na cadeia, e quando meu advogado, Luiz Eduardo Greenhalgh, vinha conversar ficávamos no salão nobre [*Risos*]. Os diretores tinham receio, pois eu sabia de tudo por ter trabalhado na burocracia da cadeia.

E como o senhor define seu estilo?

Luiz Mendes Ah, Graciliano Ramos é o meu mestre. Ele diz algo como “Temos que ser igual às lavadeiras, pegar a roupa e bater na pedra. Ensaboar, bater na pedra, olhar. Não está boa?, então volta a bater na pedra até ficar branco. Desensaboar e coloca para secar. O escritor é uma lavadeira. Tem de bater o texto até que esteja limpo”.

Em liberdade, o senhor escreveu o guia *O Que Você Precisa Saber para Ficar Livre de Vez*.

Luiz Mendes Esse guia é distribuído pela Secretaria de Segurança para os que estão saindo das cadeias, dá dicas de como tirar documentação, aonde ir, o que fazer. Foram feitas três edições de 70 mil exemplares.

Um best seller.

Luiz Mendes Na cadeia é. Quando saí quis abrir conta no banco. O gerente falou que o meu CPF fora cancelado. “Cancelado?” Um amigo perguntou: “Pagou imposto de renda.” “Tem que pagar?” [*Risos*] Nunca ninguém explicou nada disso e o guia orienta. O preso recebe a liberdade, mas não tem estrutura para voltar à sociedade. “Você está livre!” Me botaram em um ônibus sem um centavo no bolso. Cheguei ao Tietê [*Terminal Rodoviário*] completamente perdido. Deviam avisar: “Quando sair não vai ter emprego para você. O preconceito é enorme”. O Estado não tem nenhuma lei de proteção ao egresso. Estou há cinco anos fora, meu truta, e sem emprego fixo. Vivo na correria de dar palestra, oficina, mandar projeto para todo o lado [*Longa pausa*]. Eu não podia ter tirado esses trinta anos, deveria ter seguido carreira e provavelmente seria um catedrático. Absolutamente ninguém.

Qual foi sua impressão do mundo após 31 anos de reclusão?

Luiz Mendes O que mais impressionou foi o metrô. “Que coisa fantástica. O Brasil cresceu mesmo.” Desci na Estação da Sé, fui até a praça e vi aquele monte de gente com barba por fazer, olhos parados, crianças jogadas no chão. Quando tinha 13 anos fui para a rua, agora os meninos nascem na rua. relatei isso no livro *De Volta ao Mundo* [*Ainda sem editora*].

O sistema penitenciário recupera?

Luiz Mendes O sistema está falido há tempos. A sociedade precisa recuperar os elementos que um dia voltarão para a sociedade. Até então existia a lei do cano de ferro, anexo e cela forte; o PCC mudou esse quadro porque acabou com a lei do cano de ferro. Agora é a lei do desterro [*Transferência dos líderes para outros Estados*]. Prendem o moleque que furtou um xampu no mercado junto com o assaltante de banco, com o sequestrador e com o traficante. Prisão fechada é fábrica de monstro. Que cultura irá surgir? A cultura do crime. O moleque que furtou o xampu quando sai está sabendo onde comprar um fuzil, cocaína, como assaltar um banco ou como organizar um sequestro. Na cultura do crime a lei é inversa: criminoso é o bom; e o bom é o otário. São 160 mil presos nas 144 penitenciárias do Estado, sem contar a Detenção Provisória. No Estado de São Paulo, o índice de reincidência é de 75%. Todo dia saem 50 pessoas, ou seja, antes de sair ele já está condenado a voltar.

O senhor é um único ex-presidiário que faz parte do conselho de cidadania. Em sua visão qual seria a solução para conter a criminalidade?

Luiz Mendes A comunidade se envolver. A lei das execuções criminais determina que toda cidade com penitenciária ou cadeia constitua, é obrigatório, um conselho da comunidade. A comunidade tem de exigir que a polícia cumpra o seu papel – que não é o de bater ou matar. Todos os diretores de cadeia recebem uma verba para administrar, está explícito que também deve recuperar o criminoso. Se o preso quando sai não está recuperado quem deve ser penalizado? Quando recebe a liberdade ele até tem a intenção de viver uma vida legal, mas aquilo está dentro dele. Quando saí, entrava em loja e pensava: “Onde está o dinheiro? Como faço para roubar?” Demorei uns três anos para pensar como um ser social e hoje tenho para mim ideologicamente que o crime é uma covardia sem tamanho. Um cara com uma arma é um covarde. Eu era um moleque inconsequente com uma arma: “Passa a grana senão te mato!” Quebrava o cara e depois os PMs me quebravam na cadeia. “Vai, filho da p..., ajoelha.” Escrevi um texto, Deus Me Perdoe, em que conto a fuga depois do fracasso do assalto. Fugi de moto debaixo de chuva, segui pela Avenida Angélica. Precisava de um carro. Em uma fila dupla, em frente a um colégio, vi um Monza branco, saí colocando a arma na cara da mulher. A mãe queria proteger o filho de 4 anos, apavorado no banco de trás. Fui capturado e desterrado para Presidente Venceslau. Depois de muito tempo recebi a visita dos meus filhos. Quando o mais novo entrou na gaiola, se assustou e entrou em pânico. Quando me viu, chorou e correu para meus braços. Encostei o rosto e fiquei ali, querendo chorar e sem conseguir. Meu filho e o menino que eu assustara no Monza branco eram a mesma criança. Foi o momento em que mais me arrependi de minha vida e de todo o mal que fiz.

E agora em liberdade, qual seu sonho?

Luiz Mendes Ser escritor.

O *Memórias* já vendeu mais de 20 mil exemplares, acha pouco?

Luiz Mendes O escritor é um cara consagrado, truta, que todo mundo reconhece como escritor. Hoje sou apresentado não como egresso, e sim como o escritor Luiz Mendes. E se me chamar de egresso vou logo xingando. Socialmente e judicialmente estou reabilitado e não

devo nada a ninguém. Trinta anos não paga uma vida, mas socialmente está pago, então já era.

Qual sua visão dos advogados?

Luiz Mendes Conheci advogados decentes e éticos, mas também os “jogadores de areia”. Jogam areia nos olhos do preso para ele não enxergar nada [*Risos*]. Contam um monte de histórias com um palavreado que ninguém entende, mas impressiona, só que o preso continua enjaulado e, se não tiver dinheiro, é abandonado. Nas palestras que faço na Defensoria Pública digo: “A sociedade abandona a prisão nas mãos de carcereiros e da polícia. Pelo amor de Deus, vocês advogados são os únicos que podem oferecer alguma coisa pois entram nos presídios a qualquer hora. Então, vamos fazer alguma coisa”.

Quais são seus projetos?

Luiz Mendes Estou com 57 anos, estudei, tenho mente sadia. Não posso e nem quero vacilar. Espero viver para levar os meus moleques até um ponto em que caminhem sozinhos. Ninguém ensina a gente a sofrer, nem nossos pais. Ensinam a gente a se livrar do sofrimento, não a sofrer. No entanto, nós erramos e vamos sofrer. Uma coisa que aprendi foi o segredo dos livros. Não acho que os livros mudam as pessoas, acho que as pessoas transformam as pessoas. Disseram-me que sou um empreendedor [*Lê o rascunho de um texto*] “Outro dia um desses moleques crescidos que vivem cercando a biqueira [*Pontos de vendas de drogas*] para que os compradores o levem para uma ‘narigada’ me chamou de tiozinho otário. Ele passou de moto e quase me atropelou. Abri caminho e ele subiu para a boca. Não me conhece, não sabe do meu passado, só vê o meu presente. Otário é o contrário de malandro, é o trouxa que o ladrão rouba. Pensei e me senti vitorioso. Eu consegui. Até os malandros reconhecem que sou um otário”. [*Risos*] Graças a Deus sou um otário! De malandro conceituado no crime passei a ser otário. É uma honra.

ANEXO C – Entrevista de Luiz Alberto Mendes concedida a André Gonçalves, Samária Andrade e Wellington Soares, em abril de 2020. Revista *Revestres*.

André – Desde que deixou o presídio o seu trabalho sempre esteve ligado aos presidiários e às prisões. Você avalia por quê?

LAM – Eu não gosto muito de entrar em prisão [*Dá uma pausa e continua com maior ênfase*]. Eu não gosto de jeito nenhum! Porque ainda é opressivo pra mim. Mas eu sou convidado para oficinas, trabalhos sociais, e tenho um comprometimento com essa gente. Sem família, sem ninguém, eles não têm chance. O índice de reincidência em São Paulo é de 75%. Ou seja, quando o cara ainda está preso, já está quase condenado a voltar para a prisão. E voltam cometendo crimes mais graves. É uma tragédia social que me preocupa muito. Como é que vai ficar isso aí?

André – Com um índice de reincidência tão elevado, que solução você consegue imaginar? Qual o papel de trabalhos como as oficinas de leitura e escrita que você faz nos presídios?

LAM – Na prisão, pegam o moleque que roubou um xampu, o cara que assaltou um banco, o que sequestrou e matou, botam tudo junto e esquecem. A sociedade é omissa, abandona a prisão nas mãos de carcereiros e da polícia, trata o preso como se fosse uma bomba que se joga para o alto e ela fosse estourar longe. Mas estoura aqui mesmo! Que tipo de cultura vários criminosos podem produzir juntos? A cultura do crime, que envolve e impregna o preso. Ele não enxerga possibilidade de ser outra coisa. Penso que a solução seria a sociedade conhecer os presídios, oferecer uma possibilidade diferente às pessoas que estão lá. Você pode não ter como substituir a cultura do crime, mas tem como ultrapassá-la e oferecer a chance de escolha entre uma coisa e outra. Os livros e as pessoas que me trouxeram os livros me salvaram.

Samária – Em alguns crimes de grande comoção por vezes surge um sentimento de que a prisão não é pena suficiente. Existe uma pena maior do que estar preso?

LAM – É difícil, talvez dentro da homossexualidade [*Pausa*]. Nas oficinas de escrita, os presos heterossexuais evitam dinâmica onde haja toque físico, não gostam que se ponha a mão, para não parecer que são homossexuais. A prisão te endurece, quebra a sensibilidade. A gente fala que coração de malandro tá na sola do pé – pra pisar em cima e não sofrer. Nas minhas oficinas, eu conto minha própria história, pra sensibilizar e pra que eles acreditem em

mim, saibam que eu sou um igual. Eu tenho essa *responso* de falar porque passei por situações até piores que a maioria. Isso faz com que eu possa ser sensível com eles e eles comigo. Mas na maioria das vezes o cara bloqueia a sensibilidade.

Wellington - Que tipo de histórias você costuma contar nas oficinas?

LAM – Histórias que eu vivi. Na Casa de Detenção eu fazia parte do grupo de 25 presos que eram professores. Nós dávamos aulas do Telecurso [*Da Rede Globo*]. O Alex, preso que era meu aluno, disse: “Pô, por que vocês não arrumam uns filmes pra passar pra gente?”. No início eram 10 pessoas assistindo. Quando percebemos, tinham 400 pessoas! Passaram-se os anos e eu reencontrei o Alex noutra penitenciária, sendo faxina. E os caras da faxina eram todos do PCC [*Sigla para a organização criminosa Primeiro Comando da Capital*]. Eu pensei: “O Alex vai virar um puta bandido. Que pena”. Então há pouco tempo recebi um in box no face. Era o Alex, dizendo que casou, tem filhas, se formou em Jornalismo, é editor de um jornal. Tem outro cara, o Nelson Piedade, o único por quem eu botava a mão no fogo, que saiu em condicional e voltou seis meses depois com sequestros e morte. Pô, tem que ser muito criminoso pra fazer um sequestro! E tinha outro cara cruel – o Pantera – que me disse: “Quero eliminar o primeiro grau, mas não quero ir nas tuas aulas com esse monte de bunda mole”. De repente ele começou a frequentar as aulas e, quando eu fiquei encarregado da escola toda no presídio – 600 alunos – foi quem mais me ajudou. Há alguns anos comecei a acompanhar no facebook a página “Beco dos Poetas”. Fui ver o nome do administrador e era o Pantera! Hoje o Beco é editora, publica livros, promove saraus. São três histórias incríveis e com destinos diferentes.

André – Você conta histórias de algumas pessoas que se recuperaram e há o seu próprio exemplo. Vocês são exceção ou a história de vocês significa que, tendo condições, mais pessoas podem se recuperar?

LAM – Eu me recuso a ser modelo de qualquer coisa. Mesmo porque, sendo humano, temos defeitos e estamos sujeitos a erros. Claro que, conscientemente, eu procuro não errar. Mas eu posso dar mancadas, entende? [*Pausa*]. Tenho medo de não conseguir segurar a onda, medo de reagir mal em alguma situação de frustração ou maltrato. Então eu fico sempre um passo antes, fico detectando as situações de longe, me esquivo muito [*Faz silêncio*].

Wellington – Mesmo sendo autor de livros publicados por uma grande editora e tendo uma coluna na *Trip*, uma grande revista do Brasil, você nunca teve emprego com carteira assinada. Como é que você vê isso?

LAM – Por que os caras voltam pra cadeia? Porque não há apoio, confiança, respeito, na humanidade desses caras. Por outro lado, como você vai respeitar um cara que amanhã pode te dar um tiro? E você tem que duvidar do discurso tipo “eu não tenho preconceito com preso”. Meu, se você não tem preconceito, tá se arriscado a tomar uns tiros! O preconceito, nesse caso, é uma necessidade, uma possibilidade de defesa.

André – Certa vez no programa *Provocações*, de Antônio Abujamra, você disse que era uma pessoa “estupidificada” – estúpido, bestializado e embrutecido. Então, com as leituras, teve início o seu processo de “desestupidificação”. Você acha que esse processo tá concluído?

LAM – Eu ainda sou um estúpido [*Fala com convicção*]. Você considera que não seja um estúpido?

André – Às vezes, sou bastante [Pausa]. Qual é o papel da literatura dentro desse processo? O que ela traz pra quem está num universo limitado fisicamente e sem acesso ao mundo exterior?

LAM – Literatura é horizonte. Mario Benedetti [*Poeta uruguaio*] diz que existem muitos amanhã e muitos “ontens”, mas só um hoje. O hoje é composto de amanhã, porque é ideal, você tem sempre o pensamento de que vai ser melhor. No meu caso, a literatura ofereceu a oportunidade do amanhã. Eu era um jovem sem perspectiva, estava condenado há mais de cem anos e, quando comecei a ler, percebi que conhecia poucos metros quadrados além daquela cela, do meu bairro e do centro de São Paulo. Com a leitura conheci outros povos, situações, valores. Pude comparar e ver que meus valores não se sustentavam mais. Quando o cara escreve, impregna o texto com a alma dele. A literatura tem essa magia: você é capaz de encontrar a emoção do autor.

Wellington – A sua escrita é forte, direta, um tanto visceral. Que influências literárias lhe marcaram?

LAM – As pessoas me perguntam: “onde você descobriu esse estilo, agressivo, visceral?”. Eu falo: “nem sei se tenho estilo”. Mas se tenho algum, isso veio das cartas que escrevia na prisão. Aqui fora as cartas estão totalmente ultrapassadas, mas na cadeia elas são o único meio

de comunicação. E você tem que escrever de um modo que convença a pessoa a lhe responder e a lhe visitar. E manter contato com alguém na cadeia é um constrangimento: você vai ficar pelado, dá pulinhos. As cartas devem ser boas o suficiente para manter aquela pessoa ligada a você. Eu me empenhava de tal maneira que virei um especialista. Tive oito companheiras para quem mandava cartas. Namorei psicólogas, assistentes sociais, advogadas – que eu trazia para perto de mim pelas cartas. Escrevi muito para minha mãe também. Mas se você quer saber uma influência literária, eu sou apaixonado por Graciliano Ramos [*Autor de Memórias do Cárcere*]. Ele acreditava que a palavra não foi feita para enfeitar, mas para ser usada.

Wellington – Em textos e entrevistas você costuma se referir a relação com os pais da seguinte forma: rancor para com o pai e amor profundo pela mãe. Hoje você já consegue compreender melhor essa relação?

LAM – Na verdade eu amava meu pai. Mas era uma relação confusa. Ele era valentão e eu o admirava, queria ser igual a ele. Assimilei toda a violência e valentia de meu pai. Quis ser tão valente quanto ele. E tinha a maior bronca porque ele achava que eu era medroso, covarde. Depois, quando começo a me tornar um moleque problema, ele fica desgostoso e passa a me espancar. E fazia aquilo até com prazer sexual, um sadismo. Batia até cansar e sentava no sofá, ofegante. Ele morreu e eu não pude perguntar: por que ele bebia tanto e tão desesperadamente? Precisamos discutir mais as drogas. Algumas pessoas encontram fuga na droga, na bebida, no consumismo, mas do que estão fugindo? Da existência? Isso sempre me preocupou e eu nunca soube responder. Já minha mãe era minha aliada, escondia o que eu fazia de errado. Ela me visitava na prisão e a gente conversava por sete horas. Eu assistia novela pra conversar com ela, ela lia os livros que eu gostava pra conversar comigo. Nós tínhamos muita cumplicidade. Ela sabia exatamente quem eu era e não tinha ilusão a meu respeito. Ela achava que eu seria bandido o resto da vida [*Pausa demorada*]. Ela julgou errado.

Samária – Você foi o primeiro preso de São Paulo a fazer vestibular e o primeiro em classificação na área de Humanas na PUC, sendo aprovado para Direito. Já fazendo o curso, fugiu da cadeia. Por que fez isso?

LAM – Fugi. Abandonei uma luta de anos [*Nova pausa demorada*]. As pessoas pensam que foi de bobeira, mas não foi. Eu tinha uns amigos que queriam que eu trouxesse arma pra dentro do presídio. Eu não podia fazer isso, mas por outro lado eu tinha um compromisso com aqueles caras. Eles não compreendiam porque eu não os ajudava, não entendiam meus

escrúpulos. Então preferi ir embora do que fazer coisa pior. Eu fui até a casa de minha mãe e disse: “ô, tô fugindo”. Imagine como foi dramático! Minha mãe falou: “Pois não seja preso novamente, porque eu nunca mais vou lhe procurar”. E eu disse: “prefiro morrer a ser preso”. “Pois morra” – ela disse. Um tempo depois fui preso num tiroteio. Escrevi pra minha mãe contando que estava vivo e preso. Não pedi pra ela me visitar. Uma semana depois, vi minha mãe subindo as escadas. Aquele foi um dos momentos em que tive mais medo na minha vida [Fala mais devagar e com pausas]. Medo de uma tampinha, uma mulher de 1 metro e 42 (Ri). Eu temi a reação dela. Aí ela abriu um sorriso, me beijou e abraçou. Lembrar essas coisas ainda dói [Quando conclui tem os olhos cheios d’água].

Wellington – No livro *Memórias de um sobrevivente* você fala sobre a questão da sexualidade nos presídios, com histórias de assédios e o risco de ser estuprado. Você chegou a um ponto em que teve que matar uma pessoa. Como esses assédios acontecem?

LAM – Os caras novos que chegavam já eram “vendidos”. Os mais velhos diziam: “vai pra cela tal. Você é meu, eu te comprei”. E o pagamento era cigarro, maconha. Os caras encostavam a faca ou jogavam o cobertor na cabeça, e *tchum*, já era. Como eu já tinha um nome de bandido, eles tinham um certo respeito por mim. Mas tinha um cara que me perseguia. Uma vez me chamou no xadrez e, quando eu entrei, já fui mandando facada. Ele morreu depois de uma luta demorada. Eu levei muito murro, fiquei machucado, fui pro hospital. O cara tomou 47 facadas. Quando ele caiu no chão eu tava enlouquecido, fora de mim, fiquei um monstro. Fui absolvido por legítima defesa, mas, pelo excesso de golpes, condenado a um ano e seis meses. É difícil lembrar isso. Eu penso: “eu podia ter feito diferente”. Mas não dá pra modificar o que passou.

Wellington – A partir desse acontecimento, os outros presos te deixaram em paz?

LAM – Não. Até os 30 e poucos anos tinha sempre alguém me perseguindo, só que eu metia a faca. Tinha até contado outras histórias nos originais do livro, mas a Companhia das Letras [editora] pediu para eu modificar. O *Memórias de um sobrevivente* tinha mais de 800 páginas e a editora fez eu cortar metade. Disseram que ia massacrar o leitor com aqueles acontecimentos. E ia mesmo – eles aconselharam bem. Só que a realidade não foi contada. Ali tem 10% da verdade.

André – Uma discussão recente que divide opiniões no Brasil diz respeito à redução da maioria penal. O que você pensa sobre isso?

LAM – Sou absolutamente contra. Reduzindo a maioria penal, vão começar a usar a molecada ainda mais nova. daqui a pouco vão criminalizar aos 14 anos, o cara pobre já vai nascer criminalizado. E isso não resolve nada: apenas 1% dos crimes hediondos é creditado aos menores de idade. Com as medidas socioeducativas baseadas no ECA [*Estatuto da Criança e do Adolescente*] os moleque têm 30% de reincidência, muito menos que os adultos [*Que têm 75%*]. Na cadeia não existe a mínima preocupação em recuperar ninguém. Os presos vivem em situação extremamente precária e a maioria dos presídios no Brasil é igual ao Irmão Guido [*Penitenciária que fica em Teresina, Piauí, onde Luiz Alberto fazia uma das oficinas*]. Você conhece a Irmão Guido?

André – Não

LAM – Nossa, aquilo ali é uma das piores coisas que já vi! Na cela de triagem a telha é de zinco, quando o sol bate é um forno elétrico. Em São Paulo, embora haja superlotação, as penitenciárias são melhores. Mas saindo do eixo Rio-São Paulo a situação é sub-humana. No Brasil todo a maioria são cemitérios em vida. E essa é uma situação que todo mundo aceita.

Wellington – Você foi procurado para transformar suas memórias em filme. O que você pensa sobre filmes nacionais que enfocam a violência, a polícia, a vida nos presídios ou na periferia e tiveram grande repercussão, como *Tropa de Elite* e *Cidade de Deus*?

LAM – A primeira parte do livro é bacana, a descrição do Carandiru é perfeita. Mas aí tem as histórias de doze pessoas, meu, tudo é mentira! O filme foi feito em cima de mentiras. O Dr. Drauzio era médico dos caras. Você acha que o preso vai falar para o médico que cuida dele por bondade: “ô, eu matei, eu roubei, e eu fiz isso porque eu quis, eu gostei de fazer isso”. Eu conheci os caras que falaram com o Drauzio, meu, era tudo bandido. Mas parece que só eu que roubei e matei porque quis. O resto do mundo é inocente e eu sou o culpado.

Samária – Sobre a possibilidade de mudança dos indivíduos, você considera que as pequenas corrupções do dia a dia podem dizer algo de significativo sobre a personalidade ou índole das pessoas?

LAM – As pessoas são muito ricas. E são passíveis de tudo, né? O homem é um constante devir, uma capacidade infinita de vir a ser, uma viração. Então é difícil prever e até raciocinar sobre o ser humano. O Bernard Shaw [*Dramaturgo inglês*] dizia: a única pessoa que me conhece é meu alfaiate, porque toda vez que eu vou lá ele tira as minhas medidas.

Samária – Depois de tanto tempo preso, o que você mais estranhou ao sair?

LAM – Assim que saí, não conseguia andar na rua, tinha perdido o mecanismo de me desviar das pessoas. Eu andava e ia batendo nos outros, voltando, eu não conseguia furar o bloqueio. Eu dava voltas enormes pra não enfrentar multidão.

Samária – E o que mais gostou ou lhe impressionou?

LAM – Eu fiquei mais de trinta anos sem ver cachorro. Então, quando saí, fui pra casa da minha sobrinha, que tem quatro cachorros enormes, e vi: que coisa incrível, que vida são os cachorros! Se eu vejo um cachorro passando na rua, sei a raça, média de idade, se é abandonado ou tem dono. Outra coisa incrível é o mar. Eu fui morar em Barra do Piraí [*Rio de Janeiro*] e comecei a frequentar o mar. Vinham aquelas pessoas na pranchinha, zuuum, meu Deus, como é que pode? Até hoje gosto de olhar a terra afundando e a água do mar entrando na areia. As árvores também me impressionaram. Eu comecei a frequentar parques e a adquirir livros de fotógrafos especialistas em árvores. Já estou há 11 anos fora, mas continuo achando muitas coisas extraordinárias! Essa comida aqui foi da hora, principalmente a paçoca. Ainda tem mais?

André – Jorge Luís Borges acreditava que toda escrita é autobiográfica, ainda que isso não fique claro para o leitor. Ainda falta muito pra falar de você ou você já falou tudo o que queria?

LAM – Falta tudo! Eu sou outro. Amanhã tenho outras histórias pra contar. Vou contar desse almoço, essa conversa. Vocês me transformam e eu transformo vocês. A vida é assim: transforma a gente a todo instante.

ANEXO D – Conto “Cela forte”, de Luiz Alberto Mendes, publicado, no livro *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*, em 2005, organizado por Ferréz.

Estava só com a ponta do nariz do lado de fora. Todo coberto, deitado na cama e lendo *Luzia Homem*, um romance que me prendia a atenção demais. Eram dezoito horas, aproximadamente, horário da troca de plantão dos guardas. A contagem passaria dali a instantes, e eu aguardava, como todo preso, pronto para ser contado. Almas concretas, densas até os ossos. É voz corrente que o preso só faz falta se não estiver na hora da contagem. No mais, é apenas número, inteiramente desprovido de importância.

Repentinamente a cela foi aberta, de sopetão. Cerca de dez guardas invadiram, todos armados de canos de ferro. Assustado, saltei da cama e coloquei-me de costas contra a parede, conforme mandava o regulamento. Fiquei ali em suspense, pronto para o pior. Um espasmo na garganta. Aquilo nunca acaba, nem por um segundo. Eles reviraram a cela de pernas para o ar.

- Abaixa o calção! Diz um dos guardas, raivosamente.

- Levanta o saco!

- Agacha!

- De novo! Me fez repetir o gesto três vezes. Eu parecia uma mola para baixo e para cima. Provavelmente pensavam que escondesse uma metralhadora, ou sei lá o que, no cu. Era extremamente humilhante. Me encolhi, com meu exército de palavras desmantelado e minha alma menos minha.

Determinaram, sem mais explicações, que eu me vestisse e os acompanhasse. Intimidado pelo ar ameaçador, caras patibulares e o cano de ferro na mão deles, mais que depressa os atendi. O frio doía nos ossos. Era inverno pintado a negro. Daqueles rigorosos invernos paulistas de há cerca de trinta anos atrás. Estávamos no maio de 1973. Por último, vesti japonesa grossa de lã. Peça do uniforme de presidiário da Penitenciária do Estado de São Paulo, naquele tempo.

- Acompanhe-nos! – vociferou o guarda do alto de sua superioridade e prepotência, mais uma vez.

Descemos ao porão. Alguns à minha frente e outros atrás. Era o setor das celas-fortes. Se bem que não conhecesse nenhuma cela “fraca” por ali. Dentro de uma das celas, mandaram que me despisse. Não estava entendendo nada. Seguia apenas o que me era determinado, muito perplexo e assustado. Era recém-chegado à “ilha de pedra”, portanto fiquei nu instantaneamente, na defensiva, esperando o que viria a seguir. Umas camadas de

ferro, talvez. Mas por quê? Eu sabia que isso de motivo era fácil deles encontrarem. Há um ano eu vinha sendo espancado e jogado em celas-fortes a troco de qualquer coisa. Era um abismo, por dentro. Transbordava de meu corpo, rompendo todos os limites. Ardia a riscar de relâmpagos todas as tempestades.

Para minha surpresa, os guardas saíram chutando minha roupa. Quando me dei conta do que acontecia, a porta de aço foi violentamente batida em minha cara. Um cânion parecia abrir-se à frente de meu olhar.

Entrei em pânico. A cela estava nua como eu. As paredes eram úmidas, escorriam filetes de uma água grossa com óleo. Havia um húmus esverdeado decorando-as, quais margens da passagem dos rios de filetes. O chão era de caquinhos de cerâmica. A janela bloqueada por grossa chapa de ferro, com furos milimétricos para entrada do ar gelado, cortante. Do teto, em dois cantos, enormes teias de aranha. Na hora me assustaram. Eram grandes. Depois as abençoei. Minhas amigas do coração.

O frio fazia estremecer e arrepiar. Meus poros eriçaram. Os dentes ameaçaram bater. A visão coalhava, filtrando dores e sofrimentos possíveis.

Grudei na porta de ferro gelada, como se do buraco por onde os guardas nos espiavam pudesse vir alguma salvação. Meu coração estava aos pulos, corpo encolhendo e mente a mil. Não sabia o que pensar, o que estava fazendo ali?

Demorou eternidade, não aparecia mais ninguém. Então passou o guarda com a contagem. Como se ele se importasse, perguntei o que estava acontecendo. Por que me colocaram ali, pelado daquele jeito.

- Você está em regime de castigo! – respondeu com prazer.

O punhal de seus olhos me atravessava, cristalizado.

- Mas por que, não fiz nada...

- Ordens superiores.

E saiu andando, como se essa fosse toda a informação possível, deixando-me mais estupidificado ainda. Ordens superiores! Mas que “superiores” são esses, que porra era aquilo?

Já ouvira falar sobre o regulamento da Casa. Os primeiros dez dias de quem entrava para o regime de castigo deviam ser cumpridos nu, sem absolutamente nada na cela. Só o preso. Parece que ouvia os passos da dor andando atrás de mim e sofri gelado, por entre os dentes.

Não podia ser. Com certeza havia algum engano. Nada fizera para ser jogado em tão absurda condição. Aquilo não estava acontecendo comigo. Comecei a andar de um lado para o outro na cela. Logo o engano seria descoberto e eu sairia, sem dúvida.

O frio fazia bater os dentes e tremer as pernas quando parava. O guichê caiu violentamente, me atirei contra ele. Era outro preso. O faxina. Estava distribuindo água, quer dizer, enchendo nossos copos de água. Seus olhos gulosos percorreram meu corpo desnudo. Fiquei envergonhado e muito ofendido. Calei-me. Toda minha capacidade de indignar-me estava agora recolhida. Só queria sobreviver.

- Como é seu nome?

- Carlão, que mora ali em frente, pediu para você tirar a água da privada, quer conversar contigo – disse o homem com sua voz cansada e pastosa.

- Você sabe por que estou aqui? – perguntei aflito.

- Não, mas esses dias sai publicado no Boletim Diário, então ficarei sabendo e te falarei. Tenha paciência e espere.

Sua voz era dura, como suas pupilas de aço.

Após pausa estudada e outra longa e humilhante lambida de olhos em meu corpo, disse-me:

À noite vou te trazer um rolo de papel higiênico. De manhã apanho de volta. Os guardas do choque virão revistar todas as celas logo cedo.

Não entendi bem; o que tinha a ver papel higiênico com frio? Mas agradei e fui novamente agredido com aquele olhar libidinoso. Um dia eu me vingaria desse filho duma puta!, pensava. Estava vivo, mesmo que dentro daquele labirinto; ainda conseguia odiar mortalmente.

Atônito, sem jeito, foi a melhor batalha para tirar a água da privada. Alguém já tentou? É muito difícil para quem não tem experiência. Mas assim que, cansado, comecei a vencer a luta com a água, o maior burburinho invadiu a cela. Vozes pontudas, arrastadas. Olha o mundo de volta!, percebi, surpreso.

- Quem é que está ligando o telefone? – perguntou voz rude, entonando desconfiança, saindo de dentro da privada.

Questionou outra voz:

- Quem é você?

Relutante, enfiei a cara na “boca do boi” (privada) e dei meu apelido. Queriam saber por qual motivo eu viera para a cela-forte.

Eram os dois presos da cela-forte em frente à minha. Gente, que bom! Abri um largo sorriso. Os encanamentos daquelas privadas davam para uma única caixa de esgoto, que promovia a ressonância.

Diante da minha ignorância dos motivos, ambos não sabiam o que me dizer. Aquele de voz rude era o Carlão. Havia feito uma chacina no pátio de recreação. Chegara dias antes de mim. Matara três presos e ferira gravemente mais meia dúzia. O outro era o Tico. Este matara dois presos na Casa de Detenção. Um desses baianinhos tinhosos que gostavam de meter a faca nos outros por qualquer motivo. Já conhecia a fama de matadores deles. Sabia quem era quem. Claro, estava plugado ao ambiente. A fama e o conceito de matadores, de certo modo, intimidavam bastante. Ao contatá-los, se sabia que ao menor deslize por ali não haveria perdão. Era preciso ficar esperto com as palavras e não se mostrar intimidado, por mais que estivesse.

- Não esquenta a cabeça, maninho, estou condenado a mais de cinco anos só de cela-forte e estou aqui firmão. Você sai logo, não fez nada...

Carlão tentava me conformar. Acabou me assustando mais ainda. Cinco anos ali dentro, sem sair? Melhor morrer logo de uma vez.

Orientou-me para que, quando o Lauro (o faxina) me trouxesse o papel higiênico, enrolasse pelo corpo, qual fosse uma múmia. O segredo era fazer ginástica o tempo todo, me manter aquecido e cansar para conseguir dormir um pouco. Caso contrário, iria sofrer muito e havia risco de enlouquecer. Muitos enlouqueceram naquela cela-forte, diziam-me. Andar para lá e para cá, cantar, pular, gritar, eram alternativas. Não podia é ficar me masturbando como macaco. Minava as energias, estupidificava e tirava o sono. De vez em quando, tudo bem, fazia parte. Era preciso sobreviver às sombras da noite e largas insônias.

- Vou ficar acordado a noite toda contigo. Chama sempre que quiser conversar. Estamos contigo, irmãozinho. O Tico ficará de dia, certo?

Logo apareceram outros companheiros, dos andares acima, que estavam em regime comum. O “boi” permitia a comunicação com dez celas acima. Havia solidariedade e companheirismo. Era nosso fedorento e nauseabundo veículo de comunicação. Aquela era a parte mais nobre da cela. Só que era preciso ter estômago. Subia o maior cheirão de merda o tempo todo. A todo instante, vinha o barulho de descargas e o fedor se intensificava. Com o tempo, acostumava, diziam os outros. Achei difícil.

Todos queriam colaborar para minorar meu sofrimento. Não conhecia quase ninguém ali, mas minha posição, de estar ali nu e sofrendo o frio intenso, me fazia protegido de todos.

Carlão mandaria um sabonete e um pedaço de linha. Ferramentas superúteis na “pescaria” via encanamento do esgoto.

O faxina trouxe o papel. Mal chegou e já me enrolei todo e fiquei ali, ao pé da privada, lamentando minha sorte. Desenrolava, pulava, corria, quando começava a suar enrolava tudo novamente para conservar o calor. Infinitos minutos mais velho, sofri aquela noite fechada em azul-escuro. Parecia não acabar mais.

Fiquei feliz quando o dia clareou pelos fios de luz solar que vinham da janela blindada, furando a escuridão. A vida intentava renascer, no dia premeditado. O faxineiro retirou o papel, serviu café ao leite quentinho e pão com manteiga. Delicioso! Quentinho... Que fome danada! Também, pulando a noite toda, só podia dar fome mesmo!

Logo atrás, vieram os brutamontes do choque, com toda a valentia que os caracterizava diante de um preso nu e indefeso.

Aprendi a amarrar a linha no sabonete e fazê-lo descer pelo esgoto. Lá das celas de cima, companheiros jogavam linha mais forte, com duas pilhas pequenas na ponta. Então se iniciava a pescaria nos encanamentos. As linhas se enroscavam, eu a puxava. A linha forte seria o condutor para cigarros, fósforos e drogas que vinham dos andares acima. A vida era dura, mas a gente resistia. O que seria de nós sem aquela santa privada...

No terceiro dia, fui informado, oficialmente, que havia sido condenado a seis meses de cela-forte e seis meses de cela comum, em regime de observação. O motivo era o homicídio que cometera na Casa de Detenção cerca de seis meses atrás. Fora legítima defesa, como ficou provado em júri popular, posteriormente.

Já havia cumprido castigo de dois meses pela falta disciplinar. Era demais, a revolta me fez chorar. Ódio espesso corroía por dentro qual ácido quente. Era pior que a morte. Se morresse, pensava que, pelo menos, tudo se acabava. Ali tudo continuaria em dor. A fúria das chamas e a raiva de todos os ventos me avassalavam. Dominar-me era quase impossível. Um fio de seda conservava minha lucidez.

O frio era de matar. Havia três dias não dormia. Enrolado em papel higiênico (veneranda invenção!), deitava e desmaiava de cansaço. dez minutos depois acordava todo congelado. Era preciso pular e correr para reaquecer. No máximo conseguia dormir trinta minutos. Acocorava no canto da cela, coberto com um lençol de papel higiênico costurado. Carlão fazia o que podia. Entretinha-me em longas conversas para que não desesperasse. Meu anjo da guarda.

No oitavo dia já não suportava mais. Discuti com o guarda, fingi falta de ar. Tossia como um cachorro louco. Implorei para ir ao médico. O homem ficou com dó de me ver tremendo, falando descompassadamente. Meu anjo da guarda.

Deram-me uniforme. Fui escoltado por dois guardas do choque, para o médico. Passei pela gaiola de ferro, e lá estava o Cirane, Chefe de Disciplina, e o Vigilante central. Ambos superagasalhados, me olhando. Invejei-os profundamente. Xaxu, um velho amigo, me alcançou e mesmo sob o olhar ameaçador dos guardas conversou comigo:

- Pô, meu, cê tá azul de frio!

Em seus olhos havia uma piedade profunda, quase chorava ao me olhar. Também quase chorei de dó de mim mesmo.

O médico, já alertado pelo companheiro que trabalhava no ambulatório, só de me olhar receitou injeção e determinou, por escrito, que minhas roupas e colchão me fossem entregues.

Saí do ambulatório feliz da vida. Não me tomariam as roupas quentinhas que eu vestia, graças a Deus! Xaxu discutia com o Cirane. Chamava-o de desumano: todo de sobretudo, cachecol e touca, e o “menino” (eu tinha vinte e um anos) ali, roxo de frio. Dizia quase gritando, acintosamente, com o homem.

Ainda pude ver quando este saiu andando com passos duros e apressados para o lado da administração. Pensei fosse colocar o Xaxu no castigo também pela sua ousadia em intimá-lo. Fiquei muito preocupado.

Na cela, as roupas me foram tomadas novamente. Quis discutir. O médico havia autorizado a devolução de minha roupa! Fui ameaçado de ser espancado. Calei. Em segundos, congelei. Esperei e cheguei à conclusão de que o médico não possuía autoridade alguma. Xinguei aos berros. Filho da puta! Já entrando em paranoia total.

A porta se abriu:

- Cuidado com esse! Está desesperado!

Juntaram-se os guardas à porta para me ver chorar feito criança.

Em seguida, o faxina entrou na cela arrastando um colchão verde, minha coberta e minha roupa.

Em virtude da desumanidade daquele castigo, demonstrada pelo Xaxu ao Cirane, o Chefe de Disciplina exigiu do Diretor Penal sua imediata extinção. Nesse dia histórico, depois de anos de vigência e muito sofrimento, foi excluído do Regimento Interno, o castigo disciplinar dos dez dias nu.

Estava havia nove dias sem tomar banho e sem dormir direito. Coberto por um grosso cascão que, em parte, até protegia do frio. Daquele jeito mesmo, enrolei-me em deliciosos cobertores e desmaiei no colchão, chorando de alívio. Dormi dois dias seguidos. Nem para me alimentar queria acordar. Estava no paraíso e não queria mais nada.

Carlão também pôde dormir. Devo-lhe favores de valor inestimável, impagáveis. Inúmeras vezes ouviu meu desespero e me acalmou sempre. Foi morto pelo Choque de Polícia Militar na rebelião de 1987, na Penitenciária do Estado. Que Deus o tenha pelo bem que me fez!